

**FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**



Ana Isabel da Costa Sousa Franco

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO
DESENVOLVIDO NA ESCOLA SECUNDÁRIA INFANTA D. MARIA
NA TURMA DO 7º A, NO ANO LETIVO 2011/2012**

COIMBRA

2012

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA
Mestrado em Ensino da Educação Física no Ensino Básico e Secundário

ANA ISABEL DA COSTA SOUSA FRANCO

Nº2007020855

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO
DESENVOLVIDO NA ESCOLA SECUNDÁRIA INFANTA D. MARIA
NA TURMA DO 7º A, NO ANO LETIVO 2011/2012

Relatório Final de Estágio Pedagógico apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário.

Orientador: Mestre Antero Abreu.

COIMBRA

2012

Franco, A. I. C. S. (2012). *Relatório Final de Estágio Pedagógico*. Relatório final de Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO

Eu, Ana Isabel da Costa Sousa Franco, aluna nº2007020855 do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido na alínea s) do artigo 3º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

RESUMO

O presente Relatório Final de Estágio Pedagógico surge no âmbito da unidade curricular de Estágio Pedagógico, contemplado no Plano de Estudos do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário pela Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra e ambiciona refletir uma fase árdua, mas satisfatória de aquisição e aplicação de conhecimentos no ensino da Educação Física. É no contexto de uma formação contínua que são examinados os saberes adquiridos em encadeamentos multidisciplinares de intervenção pedagógica, mais especificamente na área de desenvolvimento curricular, da administração escolar, avaliação da pedagogia e investigação educacional. Assim sendo, serão descritas e refletidas todas as fases desta formação, contextualizando os objetivos de formação concomitantemente com as expectativas iniciais e descrevendo as atividades desenvolvidas (planeamento, realização e avaliação) juntamente com a justificação das tomadas de decisão. Seguidamente, é executada uma reflexão do processo ensino-aprendizagem, a identificação das dificuldades sentidas e necessidades de formação contínua. Emerge, ainda, neste relatório uma outra questão que aprofundo no âmbito do desenvolvimento do estágio, alertando os gestores e intervenientes escolares para a importância da articulação do currículo do aluno. O Estágio Pedagógico está, assim, orientado para uma possibilidade de aprendizagem e exercitação de conhecimentos, através do aperfeiçoamento de proficiências profissionais e pessoais, para uma possível integração na área de Ensino da Educação Física.

Palavras-chave: Estágio Pedagógico. Processo Ensino-Aprendizagem. Aluno. Articulação Curricular.

ABSTRACT

This Final Report of Teacher Stage comes in the course of the Master in Teaching Physical Education for Basic and Secondary Education Faculty of Sport Sciences and Physical Education at the University of Coimbra and aims to reflect a difficult phase, but satisfying, acquisition and application of knowledge in teaching Physical Education. It is in the context of a training which they examined the knowledge acquired in threads multidisciplinary educational intervention, specifically in the area of curriculum development, school administration, pedagogy and evaluation of educational research. So, are described and reflected all phases of training, contextualizing the goals of training concurrently with the initial expectations and describing the activities (planning, implementation and evaluation) together with the justification of the decision-making. It then runs a reflection of the teaching-learning process, the identification of difficulties and training needs. Emerges also in this report is another question that delve in the development stage, prompting the school managers and players to the importance of coordination of the curriculum of the student. The Teacher Stage is thus directed to a possibility of learning and exercises of knowledge through the development of professional and personal proficiencies for a possible integration in the area of Teaching Physical Education.

Keywords: *Teacher Training. Teaching-Learning Process. Student. Course articulation*

SUMÁRIO

	Pág
RESUMO	v
ABSTRACT	vi
1 INTRODUÇÃO	1
2 EXPETATIVAS INICIAIS	2
2.1 A escola	4
2.2 O corpo docente	5
2.3 A turma	6
3 PRÁTICA DESENVOLVIDA	8
3.1 Planeamento	8
3.1.1 Plano anual	9
3.1.2 Unidades didáticas	11
3.1.3 Planos de aula.....	13
3.2 Realização	15
3.2.1 Instrução.....	15
3.2.2 Gestão.....	17
3.2.3 Clima	18
3.2.4 Disciplina	19
3.2.5 Decisões de ajustamento	20
3.3 Avaliação	21
3.3.1 Avaliação Diagnóstica	22
3.3.2 Avaliação Formativa	33
3.3.3 Avaliação Sumativa	24
3.4 Componente ético-profissional	25
4 ANÁLISE REFLEXIVA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	27
4.1 Ensino-aprendizagem	27
4.1.1 Aprendizagens realizadas	27
4.1.2 Compromisso com a aprendizagem dos alunos.....	30
4.1.3 Inovação nas práticas pedagógicas	31
4.2 Dificuldades sentidas e formação contínua	32
4.2.1 Dificuldades sentidas e sua superação	32

4.2.2 Formação contínua	33
4.3 Ética profissional	34
4.3.1 Capacidade de iniciativa e responsabilidade.....	34
4.3.2 Importância do trabalho individual e de grupo.....	35
4.4 Questões dilemáticas.....	36
4.5 Conclusões referentes à formação inicial.....	38
4.5.1 Impacto do Estágio na realidade escolar.....	38
4.5.2 Prática pedagógica supervisionada.....	39
4.5.3 Experiência pessoal e profissional	40
5 APROFUNDAMENTO DE TEMA	42
6 CONCLUSÕES	49
BIBLIOGRAFIA	50
ANEXOS	52
Anexo 1 – Estrutura do plano de aula	53
Anexo 2 – Grelha de Avaliação Diagnóstica	56
Anexo 3 – Grelha de Observação da Avaliação Sumativa	57
Anexo 4 – Grelha de Avaliação Sumativa	58

1 INTRODUÇÃO

O presente documento constitui o Relatório Final de Estágio, surgindo como culminar de um processo de formação no âmbito da unidade curricular de Estágio Pedagógico, integrada no segundo e último ano do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEF-UC).

O Estágio foi realizado na Escola Secundária Infanta D. Maria, em Coimbra, no ano letivo 2011/2012 sendo como etapa fundamental e marcante na transição de discente para docente, através dos conhecimentos adquiridos anteriormente (licenciatura e mestrado) e da prática docente em situação real e sistemática, com o intuito de formar docentes de Educação Física capazes, competentes e convenientemente preparados para a sua prática profissional. Esta experiência não se encerra em si mesma, mas foi assumida como um caminho contínuo de desenvolvimento profissional de qualidade, ao longo da carreira docente, tendo sido uma oportunidade para pôr em prática o “Perfil de Competências Gerais do Professor” preconizado pelo Decreto-Lei n.º 240/2001 de 31 de Agosto.

Este documento tem como principal objetivos: descrever as atividades desenvolvidas enquanto professora estagiária e refletir sobre o percurso realizado durante o ano letivo 2011/12.

O documento estrutura-se em cinco capítulos: No primeiro é feita o enquadramento do presente relatório de estágio; no segundo são apresentadas as expectativas iniciais relativas quer ao estágio pedagógico, quer à Escola, como ao corpo docente e à turma; no terceiro são descritos alguns aspetos gerais das atividades desenvolvidas bem como das decisões tomadas, apresentadas em quatro subcapítulos (planeamento, realização, avaliação e componente ético-profissional); no quarto capítulo é feita uma análise reflexiva do processo ensino-aprendizagem, no quinto capítulo procedemos ao aprofundamento do tema, o qual inclui a articulação curricular e a sua influência no currículo do aluno; no sexto capítulo apresentam-se as conclusões deste relatório.

2 EXPETATIVAS INÍCIAIS

“ Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. “

Carlos Rodrigues Brandão

Desde muito cedo pratiquei atividades desportivas, surgindo em 2003, mais precisamente no meu oitavo ano de escolaridade, o “sonho” em seguir um percurso académico associado à Educação Física. Consciente que este “sonho” poderia não corresponder a um percurso académico “clássico”, sempre fui apoiada a nível familiar e escolar para as escolhas pessoais que fui fazendo no meu percurso pessoal e académico, Desde então, procurei centrar mais a minha atenção nesta área, tendo como modelo os meus professores de Educação Física e a sua vida (de ser, de estar, de ensinar e aprender).

No ano letivo de 2007/2008 candidatei-me e ingressei na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (FCDEF), com o intuito de alcançar o meu objetivo de vida: ser professora de Educação Física. A partir deste momento, esforcei-me ainda mais e fui evoluindo como pessoa, através dos conhecimentos adquiridos e experiências vividas.

Concluí a Licenciatura em Ciências de Desporto no ano letivo 2009/2010, a qual decorreu em três anos letivos ao abrigo do Processo de Bolonha, tendo obtido uma formação mais direcionada para a vertente de treino desportivo. Impunha-se, então, tomar a decisão sobre a escolha do mestrado a frequentar, a qual não era difícil atendendo à vontade em desenvolver competências para lecionar Educação Física. Neste sentido a escolha recaiu no Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Ao longo do meu percurso importa considerar os meus receios e expetativas num ano de concretização de um “sonho”, a primeira e única opção estudantil, o Estágio Pedagógico. Neste último ano como estudante do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e

Educação Física, tive desde o início a noção que seria uma etapa de trabalho árduo mas decisiva no meu percurso académico, ligando as bases teóricas estudadas com a prática em contexto real - a Escola. Este ano tornou-se assim, muito especial devido às minhas expectativas para o desenvolvimento de competências, em contexto real do ensino de Educação Física.

Quando tive conhecimento que iria estagiar numa Escola surgiu um “formigueiro” no estômago, por ansiedade, insegurança e receio, em relação ao Estágio, ao contexto escolar, aos alunos e aos professores. As expectativas que tinha em relação ao Estágio Pedagógico eram muitas e começaram, desde logo, na reunião da Faculdade onde se realizou a constituição dos Núcleos de Estágio e, a consequente, seleção das Escolas onde se ia realizar o Estágio Pedagógico. Em relação a aspeto posso afirmar que tudo correu como esperava: ficar em Coimbra e com colegas com que tivesse à vontade a trabalhar.

Em relação a estagiar numa Escola em Coimbra, era importante para mim pela proximidade geográfica com a minha família e com o local onde desenvolvo outras atividades desportivas (Secção de Ginástica da Associação Académica de Coimbra). Quanto ao Núcleo de Estágio tive sorte de ficar com dois colegas, Inês e João, com quem tive a oportunidade de realizar trabalhos em grupo desde o primeiro ano na Faculdade. A Inês porque já a conhecia antes de entrar para a Faculdade, (desde 2003), pois foi minha colega e parceira na Ginástica na Associação Académica de Coimbra. Quanto ao João posso afirmar que sempre se mostrou um bom colega, desde o primeiro ano do curso. Para além disso, estes meus colegas sempre se mostraram trabalhadores e amáveis nos grupos de trabalho em que tivemos oportunidade de participar nas diferentes unidades curriculares da Faculdade.

Em relação aos orientadores de Estágio tinha diversas expectativas, designadamente o tipo de pessoas que seriam, o grau de exigência que impunham, a relação entre estagiários e orientadores, assim como os métodos de trabalho. Este item é um dos mais relevantes, pois é o orientador da Escola que passa mais tempo connosco e que transmite todas as informações ou ajudas para a nossa evolução. Como tal, tinha perspetivado trabalhar com profissionais rigorosos e exigentes, que favorecessem a aprendizagem a nível científico, pedagógico, ético e relacional.

Assim, tenho a noção que desenvolvi diversas expectativas relativas, no início do ano escolar, devido ao desconhecimento do meio escolar, turma e Departamento.

Passaram-se inúmeros pensamentos e receios relativos ao tipo de alunos, número de alunos por turma, disciplina e gestão das aulas, as matérias abordar, métodos de trabalho, de entre um turbilhão de dúvidas e inquietações.

Todos estes parâmetros foram sendo colmatados através do apoio dos Orientadores de Estágio (Escola e Faculdade) que sempre se revelaram como um fator essencial nas aprendizagens a alcançar e conseguidas, ao longo do ano letivo, criticando construtivamente, indicando soluções no sentido de promover a minha evolução e um bom ambiente entre estagiário-orientador.

Quanto à postura como Professora trabalhei para demonstrar ser competente e responsável, tendo como base outras instituições em que trabalhei (Escuteiros e Secção de Ginástica da Associação Académica de Coimbra, favorecendo a transmissão de segurança e inculcando nos alunos a importância da atividade física e do respeito por regras no contexto pessoal e social. Tinha a convicção de esta etapa seria uma ótima oportunidade de aprendizagem, de aquisição de conhecimentos, mas também de um crescimento a nível pessoal, pedagógico, social, ético e académico.

2.1 A escola

A escola foi criada, com a designação de Liceu Feminino de Coimbra, pelo Decreto 4650 de 14 de Julho de 1918, iniciando as atividades a 19 de Fevereiro de 1919. Nesse mesmo ano a designação passou a ser Liceu Nacional Infanta D. Maria.

Em 1974, o Liceu passou a ser misto, mudando o nome para Escola Secundária Infanta D. Maria. Em 1998 comemoraram-se os 50 anos do atual edifício de escola, e no dia 5 de Outubro de 2010, foram oficialmente inauguradas as instalações requalificadas da Escola. No ano letivo 2010/2011, a Escola Secundária Infanta D. Maria registou a melhor média entre os estabelecimentos do ensino público, a nível nacional.

Em termos de constituição escolar, no ano letivo 2011/2012, a escola foi frequentada por cerca de 600 alunos, onde apenas 5% dos alunos provêm de áreas de residência exteriores à cidade.

O primeiro contato com a Escola foi no dia 1 de Setembro de 2011. Dirigimo-nos ao Departamento de Expressões ao encontro do Professor João Gandum, que nos explicou em que moldes iria decorrer o Estágio Pedagógico e nos mostrou as instalações escolares. Depois, dirigimo-nos à Direção da Escola, com o Professor orientador João Gandum, para nos apresentarmos. Fomos recebidos com muita simpatia e, desde logo, demonstraram disponibilidade para colaborar ou ajudarem no que fosse preciso. Antes do início oficial das aulas, houve um almoço convívio com todos os professores da Escola, no qual participámos e tivemos oportunidade de conhecer o restante corpo docente da Escola, e em particular o grupo de Educação Física.

Por ter sido já aluna nesta Escola, notei diferenças notáveis a nível de infraestruturas, ou seja passou a ter infraestruturas bastante modernas e muito agradáveis. Contactei com algumas docentes que já me eram familiares (tinham sido minhas professoras enquanto estudante do ensino secundário), e desde logo, mostraram o seu agrado em estar inserida no corpo docente, tendo-se disponibilizado a ajudar no que fosse necessário.

No Conselho de Turma, reunião de início de aulas, com os professores do 7º A foi dada a possibilidade de me apresentar e conhecer todos os assuntos relativos ao início de um ano letivo.

2.2 O corpo docente

A Escola Secundária Infanta D. Maria tem cerca de 106 professores dos quais 95 pertencem ao quadro. Desde sempre, muitos destes professores demonstraram recetividade e competência, sendo que este foi um dos fatores facilitou a nossa integração no meio Escolar.

Depois das obras de requalificação, por ter infraestruturas maiores, divididas por subgrupos (salas apropriadas para reuniões e departamentos) e por a Escola

usufruir do novo Sistema de Gestão Informático o contato com docentes diminuiu, visto que deixou de se utilizar o clássico livro de ponto e por conseguinte não é necessário o cruzamento de professores na sala comum – sala de professores. Contudo, sempre que possível íamos a este local para ver eventuais informações relativas ao Ensino ou outro tipo de atividades, bem como para mantermos o contacto com os restantes intervenientes disciplinares. Destaco que muitas vezes era confundida como aluna por professores ou funcionários recentes no estabelecimento devido à minha aparência, sendo que esta situação se veio a extinguir no decorrer do ano letivo.

O Grupo de Educação Física é composto por sete professores e três estagiários, estando um professor em substituição por motivos pessoais. Este grupo está inserido no Departamento de Expressões, e desde o primeiro contato procuraram a nossa integração, criando um ambiente agradável, de partilha e participativo. Inicialmente estava expectante em trabalhar com professores da minha área, alguns dos quais tinham sido meus educadores anteriormente. Contudo, considero que desde cedo, fomos bem integrados e tratados de igual forma, o que se veio a verificar por exemplo tendo sido possível verificar na participação ativa em atividades organizadas (ex: Semana Desportiva da Escola Secundária Infanta D. Maria) ou de participação (ex: *Compal Air*, *MegaSprint*, etc.) do Departamento de Educação Física. Estes acontecimentos foram de extrema importância para mim, a nível pessoal e profissional devido à organização, confiança e responsabilidade que me foram atribuídos na realização de tais eventos.

Apesar das diferenças de pensamento e pessoal entre os diversos intervenientes, foi notório o empenho entre os mesmos na conjugação de esforços para a melhoria do Ensino neste Estabelecimento.

2.3 A turma

A escolha da turma realizou-se na segunda reunião do Núcleo de Estágio, após o Professor João Gandum conhecer as turmas que lhe tinham sido atribuídas. Assim, combinámos que os estagiários ficariam com os sétimos anos, tendo sido a turma seleccionada aleatoriamente. Fiquei com a turma do 7º A, a Inês Coelho com o 7º B e

o João Marques com o 7º C. Posteriormente, o Professor João Gandum deu-nos a conhecer o horário do docente.

Para caracterizar a turma apliquei dois questionários: um da autoria do Núcleo de Estágio que é composto por questões relativas a informações pessoais e à prática desportiva e um questionário com questões biográficas, construído pela Escola e aplicado pela Diretora de Turma.

A Turma do 7º A é constituída por 28 alunos, 17 do sexo feminino e 11 do sexo masculino, sendo a média etária de 12 anos. Dos 28 alunos que constituem a turma 23 residem na cidade de Coimbra e apenas 5 residem nos arredores de Coimbra. Quanto ao meio de transporte utilizado pelos alunos para chegar à escola, a maioria utiliza o carro. Em relação à ocupação dos tempos livres a maioria dos alunos pratica atividade física.

A turma 7º A é uma turma disciplinada, empenhada e com vontade de aprender. Contudo, o facto de ter 28 alunos foi um desafio que inicialmente me preocupou. Devido à minha inexperiência pensei que poderia ser difícil manter a turma com ordem por serem tantos alunos e em manter a turma supervisionada devido à minha altura. Sempre procurei resolver este aspeto dando atenção a todos os alunos mas sobretudo aos com maiores dificuldades e criando estratégias para facilitar a vigilância dos alunos.

Outro aspeto que inicialmente me preocupava, era o fato de não ter experiência com pessoas destas idades (pré-adolescência), contudo esta turma nunca mostrou quaisquer sinais de “indisciplina” ou rebeldia. Quando procuravam transgredir alguma regra ou tinham algum tipo de comportamento inapropriado eram logo chamados atenção. Este facto fez com que melhorasse a capacidade de liderança, responsabilidade e confiança em instrução em grupos grandes. Posso afirmar que aprendi muito com esta turma, tendo sido possível criar um ambiente agradável, de respeito, de participação e interajuda.

3 PRÁTICA DESENVOLVIDA

O processo ensino-aprendizagem é um trabalho individual, desenvolvido por cada estagiário do Núcleo de Estágio, referente à sua turma. Nem todos os conhecimentos adquiridos se tornaram diretamente aplicáveis tendo que ser, em parte, adequados à realidade escolar e, mais especificamente, à turma em questão. Assim, neste capítulo realizarei uma análise reflexiva de todo o processo ensino-aprendizagem focando-me sobre o meu trabalho e nas opções de ensino, nomeadamente planeamento, realização, avaliação e componente ético-profissional.

3.1 Planeamento

“A escola é a unidade básica de referência para o desenvolvimento do currículo. Para o efeito, esboça as linhas gerais da adaptação do programa às exigências do contexto social, institucional e pessoal, e define as prioridades. Será, porém, o professor a concretizar, com a sua actuação prática, essas previsões. E só ele poderá adoptar as decisões já antes referidas. Ele realiza a síntese do geral (programa), do situacional (programação escolar) e do contexto imediato (o contexto da aula e os conteúdos específicos ou tarefas).”

(Zabalza, 2000:46).

Para além de ser uma obrigação legal, a planificação letiva é essencial para um ensino de qualidade, pois representa a síntese do trabalho de preparação de aulas pelo professor. A planificação não foi considerada como um fim, mas antes como um meio auxiliar da prática pedagógica., pelo que procurei que fosse realista e relativamente sintética.

Foi neste sentido que, através do conhecimento das diretrizes do Programa Nacional de Educação Física, dos seus objetivos e conteúdos, mas sobretudo da sua análise e adequação ao contexto da turma, tendo como base a Avaliação Diagnóstica, os recursos materiais da turma, que procurei adequar as opções metodológicas e estratégias, no sentido de contribuir para processo ensino-aprendizagem tão inclusivo e eficaz quanto possível.

As ações pedagógicas no ensino não deverão ser planeadas isoladamente, de aula para aula, tendo sido uma das minhas preocupações centrais. Assim, ao planejar o processo de aquisição de conhecimentos e do desenvolvimento de competências dos alunos, tentei sempre colmatar as dificuldades de realização das tarefas propostas, de modo a contribuir para o processo ensino-aprendizagem dos alunos para que pudessem evoluir para o nível seguinte, adquirindo todos os objetivos solicitados e motivando a participação de todos os alunos da turma.

Nesta etapa foi traçado um plano global, integral e realista da intervenção educativa para um amplo período de tempo - plano anual. Foi a partir deste plano que se definiram os momentos fulcrais para a aprendizagem. Assim, foi essencial a conceção do planeamento e da preparação do ensino, partindo do contributo da disciplina de Educação Física para o objetivo geral da educação, passando por uma adequada coerência entre este, as unidades didáticas e, por fim, os planos de aulas.

3.1.1 Plano anual

O plano anual realiza-se no início do ano lectivo, e tem como principal objetivo organizar o desenvolvimento curricular, seleccionando e organizando os conteúdos, tendo em vista a melhor aprendizagem para o aluno, baseando-se nas orientações do plano curricular de escola. As opções que se fazem a este nível podem sofrer ajustamentos ao longo do ano, tendo como base o conhecimento da turma e dos alunos, pois é a partir da avaliação que o professor realiza as adequações consoante as necessidades de cada turma.

A concretização deste documento possibilitou-me a reflexão das atitudes, metas e temas gerais que pretendi “passar” para os alunos. Todos estes parâmetros são de extrema importância para o ensino/aprendizagem dos alunos, contudo, atendendo ao tempo disponível e ao extenso programa, ao procurar motivar os alunos, tive de seleccionar os aspetos mais importantes, tendo em conta os períodos de aulas, feriados, férias e atividades desenvolvidas pela Escola e de outras disciplinas.

Inicialmente, comecei por analisar o Programa Nacional de Educação Física (PNEF), as Metas de Aprendizagem, Regulamento de Escola, e as respetivas

adaptações efetuadas pelo Departamento de Educação Física, sobretudo as modalidades estipuladas para o 3º Ciclo, concretamente o 7º ano de escolaridade, bem como a planificação de rotação de espaços para a prática da disciplina.

Após essa análise cuidada, pareceu-me à priori que o programa curricular para a atual carga horária era bastante extenso, abrangendo um grande leque de modalidades, não proporcionando o tempo e espaço necessários a uma aprendizagem conveniente e, deste modo, dificilmente poderia ser cumprido. Contudo, através da análise do Plano Curricular de Departamento, obtive a informação que para o ano que iria lecionar teria de lecionar 6 modalidades: Atletismo (barreiras, velocidade e salto em comprimento), Voleibol, Ginástica (solo e aparelhos), Natação, Patinagem e Basquetebol. No entanto quando cumprido, o Programa Nacional de Educação Física revela pouca articulação vertical entre outros anos, o que implica “recomeçar da base” a cada ano que se inicia, não se constituindo como um todo, mas antes a soma de blocos de matéria.

Com estes dados elaborei o plano anual da turma do 7º A, procurando a distribuição das matérias (unidades didáticas) de acordo com os espaços disponíveis, garantindo tempo de prática adequado a cada uma, possibilitando mais tempo de exercitação às que têm maior relevo no currículo do aluno ou aquelas em que os alunos não tinham ainda alcançado o nível de desempenho do respetivo do ano.

De salientar que na elaboração deste documento foram tidos em consideração os seguintes fatores:

- Caracterização da Escola (física, social, económica e localização geográfica);
- Caracterização da Turma, através de um questionário aplicado na primeira aula;
- Espaços e equipamentos desportivos;
- Calendário letivo e horário escolar;
- Objetivos gerais;
- Competências esperadas;

- Métodos de avaliação (diagnóstica, formativa e sumativa);
- Estratégias de ensino, focalizando-me nos principais aspetos da pedagogia;
- Conteúdos programáticos;
- Extensão e sequência de conteúdos.

Alguns dos itens acima descritos foram elaborados em conjunto, pelo Núcleo de Estágio, uma vez que não são exclusivos de cada turma, procurando a coesão e concordância no mesmo grupo disciplinar.

Este meu planeamento foi entendido como um processo cíclico, flexível e prático, na medida em que lhe conferi continuidade e realimentação das situações propostas e dos resultados. Estas poderão ser devido a inexperiência em panificação curricular, alteração de atividades calendarizadas inicialmente ou fatores extrínsecos ao professor, tais como: condições climatéricas, disponibilidade de espaço e material. Sempre que houve necessidade de realizar estas modificações ao plano anual, concebi um documento à parte, com o seu registo. O que lhe conferiu dinamismo, baseado na multidisciplinaridade, interatividade num processo contínuo de tomada de decisões, por outras palavras, esteve em constantes atualização e conferi-lhe um sinal de mutabilidade. Assim sendo, com todas as informações retiradas na fase anterior, consegui encarar o planeamento com maior segurança e certificação da minha atuação perante esta realidade

3.1.2 Unidades didáticas

Segundo Bento (1987), as unidades didáticas constituem unidades integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos, etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem. Este documento constitui o nível fundamental de planeamento de ensino, visto que facilita e possibilita a prática educativa, tendo em conta que deve ser apresentado, de forma concreta e precisa e explícita, os objetivos, a matéria e as linhas metodológicas para um espaço temporal.

O planeamento de unidades didáticas (Atletismo, Voleibol, Ginástica de Solo e Aparelhos, Natação, Patinagem e Basquetebol) concretizou-se a médio prazo sendo um trabalho realizado em grupo, do Núcleo de Estágio, para uniformizar o processo na medida em que todos os estudantes de Mestrado lecionaram no mesmo ano de escolaridade. Este foi realizado com alguma antecedência em relação à aplicação e em função das características dos alunos e da sua própria personalidade, desenvolvendo esta linha de orientação, detalhando-a de acordo com a sua interpretação pessoal. Estes documentos têm um carácter de relevância, de clara compreensão, sendo o elo de ligação entre as aulas que os compõem.

Após a realização do plano anual, e sob sugestão do orientador Professor João Gandum, optei por pesquisar e criar baterias de exercícios das diversas modalidades, para facilitar a instrução e realização das unidades didáticas. Seguidamente, à medida que efetuava as Avaliações Diagnósticas de cada matéria, realizei um relatório que continha para além do nível da turma, algumas observações, sendo que estas facilitaram a observação de dificuldades da turma, possibilitando o seu registo e a criação de objetivos (domínio cognitivo, psicomotor e socio-afetivo), as estratégias a utilizar e as metas a alcançar no final da Unidade Didática.

Os objetivos gerais e comportamentais terminais, foram selecionados de acordo com o nível apresentado pela turma, tendo em conta os Programas Nacionais e relatórios de Avaliação Diagnóstica, indicando os níveis concretos dos resultados a atingir.

Em cada Unidade Didática foi realçada, também o emprego de meios e materiais de ensino, facilitando a organização e planificação das aulas. Ainda neste documento, inseri as componentes críticas e erros comuns de cada conteúdo a abordar e progressões pedagógicas/bateria de exercícios, para facilitar a observação, fornecimento de *feedbacks* e criação de situações de progressão de aprendizagem, para os diferentes alunos e/ou turma.

Após a realização e análise do acima descrito, elaborei a extensão e sequência de conteúdos realçando os objetivos, conteúdos e função didática das diferentes aulas, sendo estas de introdução, exercitação, consolidação ou avaliação. De forma a garantir regularidade e continuidade do processo de formação e educação compreendi, no final de cada, os momentos de avaliação, realizando reflexões e

balanços finais onde tive como prioridade descrever os resultados obtidos, comparar com a avaliação inicial e justificar as decisões tomadas, assim como refletir sobre o meu desempenho e o da turma.

Concluindo, as unidades didáticas tiveram como ponto de partida essencialmente o nível de desempenho dos alunos nas avaliações diagnósticas. A prestação destes foi a razão de escolha dos diversos conteúdos a lecionar em cada modalidade, tendo sempre em conta os objetivos que os alunos conseguiram atingir no término da unidade didática. Muitas vezes, foram sujeitas a alterações ou a pequenos ajustamentos em função da resposta dos alunos, ou mesmo devido a motivos alheios ao planeamento, como visitas de estudo ou outras atividades escolares. Todo este planeamento enriqueceu-me, melhorando as minhas competências de observação e decisão acerca daquilo que era melhor para os alunos.

3.1.3 Planos de aula

De acordo com Bento (1987), “a aula não é somente a unidade organizativa essencial, mas sobretudo a unidade pedagógica do processo de ensino”. Os planos de aula assumem-se como o último nível do planeamento. Estes, foram sempre uma preocupação diária durante todo o ano letivo, não tanto pela sua elaboração mas sim na estruturação de tudo o que iria ser realizado/planeado. O pensar constante naquilo que iria resultar em melhores aprendizagens mais motivantes e interessantes, ocupou muitas vezes o meu pensamento.

Na elaboração da estrutura do plano de aula no início do estágio tivemos em consideração vários aspetos, para que o mesmo fosse claro e eficaz na interpretação e que contivesse toda a informação imprescindível e essencial para a aula. Após a sua análise por parte do Professor Antero de Abreu, realizámos alterações com o objetivo de melhorar. Assim, no cabeçalho constava a identificação da escola, turma, o nome do professor, o período, a hora de início e final, a duração, o espaço, número de aula, número de bloco e identificação da Unidade Didática, número de alunos previsto e dispensados, os objetivos gerais, a função didática e recursos materiais. O corpo deste documento foi dividido em três partes: inicial, fundamental e final. Neste constam a hora, o tempo parcial, a tarefa de

aprendizagem, organização metodológica, estilos de ensino, componente crítica e critérios de êxito.

No final do plano de aula acrescentei uma área, denominada por “Observações”, onde colocava alguns elementos necessários para a realização da aula, como por exemplo: constituição de grupos-nível, registo de ausências ou dispensas, etc. De seguida, este documento incluía a fundamentação da aula, item inovador na minha formação mas compensador, visto que abrangia informações sobre as opções e intenções do processo ensino-aprendizagem da respetiva aula. Realmente, a minha pouca experiência, obrigou-me desde início, a ser bastante reflexiva, a considerar cada detalhe e a prevenir ao pormenor a probabilidade de erro.

Neste âmbito, relatei todo o funcionamento da aula, tendo como principais objetivos: analisar criticamente todas as decisões tomadas, avaliar seu o funcionamento, os comportamentos da turma em relação aos objetivos e tarefas propostas, recomendar sugestões e/ou estratégias para a aula seguinte, e os aspetos a melhorar a nível da intervenção pedagógica. Em algumas aulas houve necessidade de alterar ou modificar o plano de aula, com vista à sua adequação às necessidades da turma, já que por vezes os exercícios mostraram-se desajustados devido ao progresso ou dificuldades verificadas nos alunos (Anexo I).

Em todos os momentos do ano letivo procurei que houvesse sempre aprendizagem nas aulas, que nenhum aluno fosse excluído por dificuldades e que os mais aptos pudessem progredir. Ao mesmo tempo, construía aulas que fossem agradáveis, variadas, significativas na vida dos alunos, motivadoras e onde prevaleceram valores como a cooperação, respeito, responsabilidade, espírito de equipa e desejo da prática desportiva.

O planeamento da aula foi para mim, um momento onde considerei a conjugação de vários aspetos como a adequação dos melhores exercícios para determinado conteúdo, a adequação dos exercícios aos alunos com o objetivo de aproveitar as suas capacidades e superar as suas dificuldades, o material, o espaço disponível ou mesmo as condições meteorológicas. Apesar de esta tarefa ser algo exigente e complexa, permitiu-me crescer e melhorar enquanto profissional.

3.2 Realização

Neste subcapítulo será relatado todo o desempenho como professora, considerando ser um dos mais relevantes na intervenção pedagógica, já que foi neste aspeto que procurei aplicar todo o conhecimento adquirido enquanto aluna da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. É de salientar que para a intervenção pedagógica seja um êxito é necessário que o professor tenha conhecimento da turma em geral e dos indivíduos, sendo que é através desse conhecimento que poderá ajustar o ensino (estratégias e controlo da turma) às necessidades do aluno. Assim sendo, este foi um dos objetivos que procurei alcançar, colaborando na caracterização da turma. Neste sentido, serão relatados, as técnicas de ensino utilizadas, através das quatro dimensões de intervenção pedagógica de Siedentop (instrução, gestão, disciplina e clima), que estiveram simultaneamente presentes no contexto escolar e social em que estive inserida como professora.

3.2.1 Instrução

Esta dimensão consiste em todos os comportamentos e técnicas de intervenção pedagógica (destreza de intervenção pedagógica e destreza de técnicas de ensino) que fazem parte do repertório do professor para informação substantiva, fazendo parte da mesma a preleção, *feedbacks*, o questionamento e a demonstração. No decorrer do Estágio Pedagógico esta dimensão foi a que, para mim, mostrou maior relevo no processo ensino-aprendizagem, desde o início até o final da aula, contendo a instrução de tarefas. Contudo, com a observação consequente das aulas dos meus colegas de Núcleo de Estágio e Professor orientador foi possível um progresso gradual e sistemático.

Desde os primeiros momentos que procurei ser diretiva com a turma de forma a obter o controlo disciplinar da mesma o mais rapidamente possível. Foi uma estratégia pessoal, que teve o apoio do professor João Gandum. Sou apologista que se o controlo da turma estiver bem adquirido pelo professor, este terá condições para proporcionar uma aprendizagem mais eficaz com um bom clima de aula. Desta

forma, procurei desde início implementar a criação de rotinas de base que ajudassem a desenvolver as aulas subseqüentes.

Um dos aspetos fulcrais nesta dimensão é o tempo de explicações, que deverá ser reduzido, sucinto e significativo. Este aspeto é de grande evidência principalmente em turmas com muitos alunos, pois é um dos meios de obter a atenção e focalizar os alunos para a tarefa, promovendo a compreensão e interpretação da tarefa e aumentando o tempo de prática, garantindo a qualidade e pertinência da informação. O facto de descentrar-me dos aspetos de controlo e organização de turma, com a criação de rotinas, aumentou o tempo de atividade, isto é, deixei de perder tanto tempo na organização e informação do exercício, resultando assim em mais tempo de prática e menos comportamentos fora da tarefa.

Igualmente, um dos aspetos que senti mais dificuldades foi de acompanhar a prática subseqüente ao *feedbacks*, aperfeiçoá-lo e aumentar a diversidade do *feedback* pedagógico positivo. Esta dificuldade deveu-se principalmente a conhecimento insuficiente das componentes críticas e erros comuns de todos os conteúdos das diversas modalidades e à aplicação dos mesmos na altura certa. Este aspeto prende-se às outras dimensões (gestão, disciplina e clima) visto que favorece um ambiente de trabalho positivo e aumenta o empenho e receptividade dos alunos às tarefas e conteúdos propostos. Assim, no decorrer deste ano letivo, melhorei a qualidade dos *feedbacks*, que se foram tornando cada vez mais individualizados e centrados nos aspetos mais importantes, sempre com o objetivo de que os alunos se consciencializassem dos seus erros.

É de salientar que nesta dimensão, há outros fatores importantes que condicionam a condução da aula como: controlo ativo da prática, demonstração, utilizar os alunos como agentes de ensino e utilizar o questionamento como método de ensino. Estes influenciam, de igual forma, as outras dimensões, visto que através da atenção permanente, posição do professor e conseqüente observação da turma, o professor possibilita a perceção do empenho e motivação do aluno na aula e o envolvimento do aluno na tarefa, acompanhando e interagindo com todos os alunos.

Muitos dos fatores acima referidos foram sendo colmatados no decorrer deste ano letivo, contudo é de focar que a evolução foi morosa, decorrendo ao longo do primeiro período. Com a criação de estratégias e conhecimento da turma, ou seja,

obtenção de regras e rotinas, a maioria destes itens, principalmente os *feedbacks*, foram melhorando em quantidade e qualidade.

3.2.2 Gestão

A gestão eficaz de uma aula consiste num comportamento do professor que produza elevados índices de envolvimento dos alunos nas tarefas das aulas, um número reduzido de comportamentos inapropriados, e o uso eficaz do tempo de aula. Ou seja, esta dimensão é fulcral para a condução e controlo da aula, tendo em conta o controlo do clima emocional, a gestão do comportamento dos alunos e das situações de aprendizagem.

Relativamente ao controlo inicial da aprendizagem foi muito importante ser pontual, chegando sempre mais cedo ao local da aula, transmitindo essa forma de estar aos alunos, e iniciar a aula a horas, realizando a verificação de presenças de forma rápida e eficaz para gerir o tempo inicial de aula. No início do ano, informei os alunos das regras a cumprir ao longo do ano em relação à pontualidade, para que estes estivessem esclarecidos “dentro” da questão e para evitar que estes perdessem a parte inicial da aula, sendo que fui sempre lembrando deste critério. Contudo, no início das primeiras aulas desperdicei algum tempo na “chamada” para conhecer os alunos, o que foi sendo ultrapassado extinto no decorrer do ano letivo, sendo que por vezes registava as presenças aquando do aquecimento.

Como a turma no geral foi assídua e pontual fui sempre tentando rodar os alunos que montavam ou desmontavam o material a utilizar na aula, cumprindo as normas de segurança no transporte e deslocamento do mesmo. Esta estratégia utilizada foi bastante gratificante a nível de conhecimento de utilização e cuidado do material comum (da escola) e porque mantinha o aluno interessado e motivado para a tarefa.

O facto de repartir a aula em três partes (inicial, fundamental e final) facilitou a gestão do tempo, possibilitando o tempo de prática e de instrução suficientes para a exercitação e empenho nas tarefas solicitadas, existindo sempre um controlo do tempo da minha parte. Neste conceito foi importante criar estratégias que facilitassem a condução da aula, de forma a manter a turma entusiasmada, motivada

e empenhada tais como: sinais (sonoros, não sonoros e mistos), transições, rotinas e atenção.

Um dos fatores que evidenciei mais, para além das acima referidas, foi a circulação pela periferia para manter o controlo visual da turma, fornecendo feedbacks e prevendo comportamentos de desvio. Igualmente, foi possível observar e atuar em relação à interação e entusiasmo da turma. Esta dimensão foi uma das primeiras preocupações no ano de estágio devido à sua importância na organização da aula e controlo da turma. Contudo, com o passar do tempo e a prática, foi possível contornar todos os obstáculos iniciais e adotar uma posição fundamental e consciente na evolução do aluno.

3.2.3 Clima

A dimensão clima engloba aspetos de intervenção pedagógica relacionados com interações pessoais, relações humanas e ambiente. Foi minha intenção criar um clima amistoso e respeitoso em sala de aula, onde todos se sentissem acolhidos e valorizados, investindo na relação interpessoal, desenvolvendo atividades cooperativas e colaborativas, transparecendo estes conteúdos morais e éticos para a posição e atuação no mundo que nos rodeia.

A Escola deverá ter como intenção principal preparar cognitivamente, moralmente, psicologicamente e socialmente os alunos para a sua vida futura/adulta. Assim, tornou-se prioridade que este bom clima fosse criado de acordo com fatores de análise de interações e comportamentos significativos humanos, relacionando com as interações com o desempenho e mantendo o entusiasmo no aperfeiçoamento dos alunos.

Esta dimensão relaciona-se com a forma de estar do aluno na aula, ter conhecimento das regras e atitudes a manter e respeitar. Contudo, alguns aspectos levaram o seu tempo a aplicar e cumprir. A minha ação neste aspeto teve de ser consistente, credível, positiva e exigente, intervindo face a comportamentos significativos e ligando a interação à tarefa, corrigindo, estimulando, solicitando e elogiando, preocupando-me em promover comportamentos responsáveis no aluno.

Outro aspeto que desenvolvi foi o trabalho cooperativo e colaborativo entre os alunos da turma. Considerando que era uma turma composta por alunos com características heterogéneas, de origem de escolas diferentes, alterei os grupos estipulados pelos próprios alunos para que tivessem contato com os vários elementos da turma e alcançassem um objetivo comum, tendo como “regras de ouro” a entreatajuda e respeito pelo outro.

Desde início do ano que esta dimensão foi a que se mostrou mais relevante no decurso da aula mas também a que senti maior facilidade em inculcar, talvez por experiências extracurriculares que tive (ex: clubes, escuteiros, etc.). Foi possível verificar, ao longo do ano, que a prática e reforço desta dimensão resultou na inversão de comportamentos, por vezes, inadequados como também na melhoria dos mesmos, sendo que se verificou a evolução positiva e significativa da turma.

3.2.4 Disciplina

Segundo vários autores esta dimensão está intimamente ligada ao cumprimento de regras e normas de convivência. Existem várias técnicas de controlo para as situações de indisciplina, como punitivas e positivas. Deve-se distinguir entre comportamentos apropriados e inapropriados, e entre estes e os comportamentos fora da tarefa e de desvio. Assim sendo, esta dimensão está intimamente ligada ao clima, o qual é fortemente afetado pela gestão e qualidade da instrução.

Tal como foi anteriormente referido, a turma demonstrou sempre um comportamento correto e delicado, o que muito contribuiu para conseguir ter uma boa relação com os alunos. Ocasionalmente houve alguns “atritos” ligeiros entre alunos, tendo procurado resolvê-los de imediato pois sabia que, se estes continuassem, poderiam conduzir a outros mais graves. Optei, igualmente, por técnicas preventivas evitando comportamentos fora da tarefa ou de desvio.

Concluindo, no que diz respeito à realização do processo de ensino-aprendizagem, as quatro dimensões analisadas foram sendo evidenciadas ao longo do ano letivo. Em síntese, a abordagem a cada uma delas foi concluída com êxito, sendo que denoto maior evolução nas dimensões de Instrução e Gestão, visto serem aquelas em que sentia maiores dificuldades, possibilitando a criação de

rotinas e método de trabalho. Em relação às outras duas dimensões (Clima e Disciplina) senti que foram bem implementadas e foram obtidos resultados com as estratégias utilizadas, criando um clima favorável com a turma predisposta e atenta à aprendizagem.

3.2.5 Decisões de ajustamento

Em relação às decisões de ajustamento, estas foram surgindo ao longo do ano letivo com maior ou menor frequência em três parâmetros. O primeiro é relativo à calendarização e local da realização das aulas justificando-se pela inserção de atividades não programadas antecipadamente (ex: semana desportiva da escola), por condições meteorológicas adversas ou solicitações pontuais de troca de espaços.

O segundo ao nível da alteração de conteúdos devido à inexistência de material, como a barra fixa, ou por dificuldade na realização de alguns conteúdos, o que fez com que houvesse necessidade de reformular o planeamento inicial.

Num terceiro nível, de acordo com as situações anteriormente já referenciadas, mas em particular com a capacidade de adaptação às situações imprevistas e de um certo nível de complexidade. Refiro-me nomeadamente às aulas em que partilhei o espaço (ex.: Atletismo, Patinagem e Basquetebol), sendo que o espaço que me era destinado era o exterior e tinha previsto a realização de certos conteúdos, mas devido a condições climatéricas adversas tive de alterar o espaço de aula e, conseqüentemente, os conteúdos a lecionar tendo optado por atividades que não coincidissem com as da outra turma.

Concluindo, as ações realizadas tiveram como prioridade o processo ensino-aprendizagem inclusivo, participativo e dinâmico atendendo às condicionantes existentes.

3.3 Avaliação

Segundo Guba e Lincoln (1989), a avaliação é dividida por etapas, sendo vista como: medida (orientação behaviorista, onde a escola transmite conhecimentos, os testes são para medir se atingiram e não existe preocupação com o grau da verdade - Diagnóstica); descrição (racionalização do ato educativo, em que o avaliador é planejador tendo instrumentos viáveis e confiáveis, devendo definir um valor médio – Sumativa); juízo de valor (o avaliador ajuíza através de *standards* e padrões de referência, sendo o contexto determinante – Formativa); negociação (dar resposta aos interesses e preocupações dos sujeitos envolvidos, sendo que o avaliador é visto como parceiro e a avaliação negociada, valorizando o respeito e incluindo subjetividade).

A 26 de Março de 2004 foi publicado o Decreto-Lei 74/2004 que, no capítulo 10, dedicado à avaliação das aprendizagens, refere que a avaliação consiste no processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelos alunos. Assim, a avaliação recai sobre o desempenho do aluno e no guia de execução do professor, estando intimamente aliada ao processo pedagógico.

Segundo Cardinet (1983), a avaliação tem como funções pedagógicas: a Regulação (Formativa), Certificação (Sumativa) e Seleção (Diagnóstica), sendo que cumpri sempre com estas funções no decurso do ano letivo, nas diferentes unidades didáticas.

A avaliação durante o Estágio Pedagógico revelou-se uma área muito importante para a minha formação profissional. Por vezes senti dificuldades sobre o que avaliar e como avaliar. Porém, baseei-me na avaliação como um processo pelo qual todos os alunos devem passar, sendo realizada de forma contínua, progressiva e cumulativa. Então, orientei-me pelo critérios de avaliação pré-definidos pela escola onde me encontro a fazer o Estágio, documento norteador da disciplina de Educação Física (programa nacional) para criar documentos próprios, contendo objetivos específicos e trabalhos por mim nas aulas.

3.3.1 Avaliação Diagnóstica

Este tipo de avaliação pretende averiguar da posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de obviar dificuldades futuras e, em certos casos, resolver situações presentes.

“O processo de avaliação inicial tem, por objetivos fundamentais diagnosticar as dificuldades e limitações dos alunos face às aprendizagens previstas e prognosticar o seu desenvolvimento, isto é, perceber quais as aprendizagens que poderão vir-se a realizar com a ajuda do professor e dos colegas, na aula de Educação Física”. (Carvalho, L., 1994).

Esta é a modalidade de avaliação que averigua os conhecimentos já adquiridos pelos alunos e se estes possuem os conhecimentos e aptidões para poderem iniciar novas aprendizagens. Permite identificar problemas, no início de novas aprendizagens, servindo de base para decisões posteriores, através de uma adequação do ensino às características dos alunos. Verifica se o aluno possui as aprendizagens anteriores necessárias, para que as novas aprendizagens tenham lugar e também se os alunos já têm conhecimentos da matéria que o professor vai ensinar, isto é, que aprendizagens das que se pretendem iniciar (e que se assumem como não conhecidas) são já dominadas pelos alunos.

A realização desta avaliação foi determinante para a escolha de conteúdos e exercícios e na colocação do aluno num determinado nível ou tipo de aprendizagem a realizar. Assim, este tipo de avaliação teve lugar no início do ano letivo para algumas modalidades e na primeira aula da Unidade Didática para outras modalidades.

O Núcleo de Estágio, em conjunto, procedeu à realização de grelhas de Avaliação Diagnóstica, baseando-se nos conteúdos programáticos e respetivos níveis do 2º e 3º Ciclo. A avaliação destes foi realizada através da análise das componentes críticas dos conteúdos selecionados, uma vez que muitos alunos poderiam não ter atingido os objetivos de níveis anteriores, ou vice-versa (Anexo II)

O registo da mesma foi realizado por observação direta, através de exercícios-critério, elementos analíticos (Ginástica) e ou situações de jogo reduzido, consoante a matéria. A cada conteúdo equivalia um nível de desempenho, com a seguinte

simbologia: NE (Não Executa), E (Executa), EB (Executa Bem). De seguida, era atribuído a cada aluno, tendo em conta a avaliação efetuada em cada conteúdo, um nível: Não Introdutório, Introdutório, Elementar e Avançado. Esta análise permitiu ao professor a definição de objetivos que irão de encontro ao desenvolvimento real dos alunos, evitando, assim a existência de objetivos muito ambiciosos e dificilmente atingíveis ou de objetivos pouco ambiciosos que não permitiam aos alunos novas aprendizagens.

3.3.2 Avaliação Formativa

Este tipo de avaliação tem uma função semelhante à de Avaliação Diagnóstica, com a diferença no momento de execução. Apresenta um carácter sistemático e contínuo, sendo executada durante o processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, ao longo de todo o ano serve de instrumento aos professores para adequar a sua progressão pedagógica, tendo em conta os resultados e comportamentos demonstrados (Bloom *et al*, 1971).

Segundo Allal, L. (1986) a finalidade de “fornecer informações que permitam uma adaptação do ensino às diferenças individuais apresentadas na aprendizagem.” Assim, pretendemos realizar este tipo de avaliação em todas as aulas, através da observação direta, verificando a evolução dos alunos no decorrer da lecionação. Esta foi uma avaliação informal e contínua, pois não teve sistema de registo próprio, visto que apontava o resultado da mesma nos relatórios das aulas, para que os conteúdos a reavivar ou por abordar e/ou estratégias a optar fossem perceptíveis no planeamento da aula seguinte. Desta forma, todas as aulas tinham objetivos que iam ao encontro das aprendizagens, isto é, procurava em todas as aulas ensinar habilidades motoras e aptidões sócio-afetivas, observá-las e registá-las.

Através disto, procurei que a evolução do aluno fosse contínua, concisa, fundamentada, adaptada e regularizada.

3.3.3 - Avaliação Sumativa

De acordo com Pacheco (1995), “A avaliação sumativa está ligada à medição e a classificação do grau de consecução do aluno no final de um processo (trimestre, semestre, ano) tendo a finalidade de certificar mediante a determinação de níveis de rendimento.”

Ribeiro L. (1999) destaca três vantagens da avaliação sumativa: fornece indicadores que mostram ao professor se os objetivos estabelecidos foram atingidos, revela eventuais erros no processo que podem ser corrigidos nas próximas unidades de ensino ou anos e, tratando-se de um instrumento pertinente, serve para classificar os resultados obtidos pelos alunos, pois exprime resultados através de números de uma escala, complementados por uma informação descritiva, ou através de simples descrições. Relativamente ao tipo de avaliação esta será feita em torno das componentes críticas, visando a verificação das aquisições em relação aos critérios previamente colocados.

Este tipo de avaliação tem como principal objetivo ajuizar o progresso realizado pelo aluno no final da unidade didática, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações de tipo formativo e, para o professor, obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino. Neste sentido, os critérios de avaliação estabelecidos pela escola, pelo Departamento de EF e pelo professor permitirão determinar, concretamente, esse grau de sucesso.

Os critérios de avaliação constituem regras de qualificação da participação dos alunos nas atividades selecionadas para a realização dos objetivos e do seu desempenho nas situações de prova, expressamente organizadas pelo professor para a demonstração das qualidades visadas. Neste processo foram considerados os critérios e parâmetros gerais de avaliação definidos pela escola e pelo Departamento de Educação Física, sendo que o domínio Psicomotor e Cognitivo correspondem a 70% e o domínio Socioafetivo (Saber estar e saber ser) equivale a 30% da nota final.

Após a realização desta avaliação o professor analisa se os objetivos inicialmente propostos foram ou não cumpridos. É também um ponto de partida para a aquisição de um maior desempenho do professor, na medida em que se este fizer

uma reflexão crítica, poderá ver o que de melhor ou de pior se verificou no processo ensino-aprendizagem. No que diz respeito ao tipo de informação que esta avaliação nos transmite posso afirmar que é uma informação geralmente global do trabalho do aluno visando uma classificação ou nota, ou seja, é de carácter classificativo.

Esta avaliação permite realizar um balanço final da aprendizagem dos alunos, e deste modo informar os alunos e os professores da situação de aprendizagem (tendo em conta os objetivos fixados que certificam o progresso do aluno e do ensino), os pais e a comunidade em geral.

3.4 Componente ético-profissional

Nos dias de hoje esta área é uma das que influencia a empregabilidade, clima laboral e o sucesso dos mesmos. Assim, tive como meta de aprendizagem encarar e desenvolver funções da melhor forma neste âmbito, através da responsabilidade, autonomia, disponibilidade, autocrítica e empenho.

Ao longo do ano letivo de 2011/2012 houve, na maioria das unidades didáticas abordadas, conhecimento dos conteúdos bem como das estratégias ou situações de aprendizagem apresentadas. Contudo, nos casos em que tive dúvidas ou conhecimentos insuficientes nos casos com maior incerteza ou conhecimento insuficiente optei por questionar o professor orientador (ex: erros comum, estratégias utilizadas, etc.) ou por pesquisar, apostando na minha formação contínua. O facto de ter realizado a análise crítica de todas as minhas ações foi significativo para colmatar possíveis falhas melhorando o meu desempenho.

Algo em que investi bastante, também, foi a relação Escola-estagiária, demonstrando-me sempre disponível para atender às necessidades dos alunos (realizando as aulas de apoio (SPVs), e esclarecendo dúvidas), bem como participar em atividades escolares organizadas pela Escola e Departamento.

Em termos éticos e morais, defendi e valorizei princípios, tais como os da pontualidade, assiduidade, partilha e respeito pelo “outro”. No que respeita ao trabalho colaborativo, é de referir o clima favorável e de partilha, incutido no Núcleo

de Estágio e Grupo de Educação Física, onde a troca de experiências foi importante e significativo para a minha evolução como futura profissional.

Quanto à capacidade de iniciativa e responsabilidade demonstrei compromisso com todas as tarefas propostas em relação à turma, escola, colegas e restantes intervenientes educativos. Na intervenção pedagógica procurei ser original, criativa e cumpridora de todos os aspetos no que concerne à planificação, realização e reflexão, quer da lecionação, dos projetos, bem como na realização dos documentos solicitados.

Quanto à aprendizagem dos alunos liderei sempre o processo ensino-aprendizagem, direcionando e adequando ao aluno, tendo em conta a superação de dificuldades bem como a utilização de diversas metodologias e estratégias, no decorrer da lecionação.

4 ANÁLISE REFLEXIVA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

4.1 Ensino-aprendizagem

4.1.1 Aprendizagens realizadas

Entendendo que só se aprende o que se experiencia, considero que o presente estágio permitiu um aumento na minha competência pedagógica como agente de ensino, através das tarefas realizadas nas unidades curriculares do Estágio Pedagógico e do compromisso assumido com o ensino. Este ano letivo permitiu um importante crescimento a nível profissional e pessoal.

Ao nível do Planeamento, destaco a melhoria da elaboração, estruturação, organização e verificação das atividades planeadas. Inicialmente considerava que as formas lúdicas poderiam ser um bom sistema de aquecimento ou de aprendizagem, contudo fui verificando que estas facilitavam a infantilização dos alunos, pelo que optei pelo ensino específico e analítico dos conteúdos, valorizando a prática dos mesmos pela sua essência: jogo, sequência gímnica, etc. Assim, foi, igualmente, perceptível a conveniência de uma prática dirigida e de intensidade/carga apropriada, sendo que a repetição é um dos fatores preponderantes na aprendizagem e aquisição de habilidades motoras. Para superar as dificuldades no planeamento de aula e situações de aprendizagem, aprendi também a desenvolver um ensino diferenciado através de grupos-nível de desempenho, suprimindo a heterogeneidade dos alunos da turma. Como tal, sempre foi de extrema importância ter em atenção a fluidez das atividades, planeando-as e estruturando-as, de forma a garantir o empenhamento motor da turma e um funcionamento coerente das atividades.

O facto de realizar uma reflexão crítica de todas as ações realizadas durante o ano de estágio, analisando principalmente os critérios de sucesso e insucesso continuamente (aula a aula), foi motivo de promoção de uma adaptação estruturada à lecionação e ao contexto educacional (ao aluno), antecipando-me aos comportamentos inadequados ou fora da tarefa e de alunos mais tímidos ou inseguros. Como tal, optei por utilizar diferentes estilos de ensino. Primeiro recorri a

estilos que conferiam pouca autonomia aos alunos – por comando e/ou tarefa – e quando a turma estava controlada e dentro das normas de aula, utilizei o ensino recíproco e inclusivo. Este facto ajudou a manter um clima e gestão de aula adequados mantendo o respeito e partilha entre a turma.

Considero que foi em relação à Intervenção Pedagógica que evoluí mais e adquiri mais conhecimentos para a lecionação de Educação Física, tendo atingido um nível eficaz e favorável. Quanto à dimensão Instrução identifico diversas situações onde fui evoluindo de forma a melhorar o desempenho dos alunos: explicitar e repetir as componentes críticas essenciais para a superação de dificuldades; recorrer continuamente e concisamente ao *feedback* (FB) pedagógico, utilizando sistematicamente *feedback* do tipo positivos, descritivos, prescritivos, interrogativos e de reforço de forma correta, lógica e pertinente; verificar se o *feedback* transmitido obteve o efeito pretendido, completando os ciclos de *feedback*; dirigir as informações equitativas e individualmente ou à turma, quando o erro é comum, ou seja, realizado pela maioria da turma; recorrer à demonstração, através de alunos experientes, gráficos, imagens, procurando a interpretação.

Gostaria, ainda, de realçar alguns aspetos determinantes para a evolução no meu desempenho sendo, a análise reflexiva e crítica de cada ação realizada (planos de aula, reuniões de Núcleo, reuniões semanais, assistência e observação de todas as aulas do professor João Gandum e colegas estagiários), muito importante, tornando estes momentos em partilha e troca de experiências, mas acima de tudo de crítica construtiva com o objetivo de melhorar o meu desempenho.

Para que fosse possível uma intervenção pedagógica clara e concisa foi necessário adotar estratégias de comunicação, tendo como principal objetivo captar a atenção dos alunos. Neste ponto, inicialmente utilizava o uso exaustivo da voz, sendo que o professor orientador Antero Abreu referiu que como professora deveria ter este item em atenção e adotar estratégias como uso do apito ou sinais para proteger a voz. Assim, após este conselho fui tentando colmatar esta situação, sendo hoje possível afirmar que utilizo linguagem clara e adequada à compreensão por parte dos alunos, na instrução, através de técnicas (reunião dos alunos, sinais, etc.) e utilizando a projeção da voz, por forma a diminuir o esforço.

Ao nível da dimensão da Gestão, sendo esta essencial para a condução e controlo da aula, foi importante que adotasse uma posição segura e consciente no

início do ano letivo, reconhecendo os meus erros e colmatando-os através da pesquisa bibliográfica. A gestão do tempo foi um dos pontos que tive, dificuldade em gerir no início. Contudo, criei estratégias com o objetivo de criar hábitos e rotinas na vida dos alunos, preparando-os para a sua vida futura/adulta, tais como: quando chegassem atrasados informar a razão ao professor e caso fosse uma situação sistemática escrever na sua caderneta que tinha chegado atrasado à aula; realizar contagem decrescente quando orientava para a realização de uma tarefa ou para reunir os alunos o que ajudou nas transições; quando chegavam após o tempo pré-estabelecido tinham uma tarefa adicional; criar sinais para reunir alunos e realizar a instrução da tarefa, tendo em conta a unidade didática. Neste item, foi importante desvincular-me do cumprimento rigoroso do plano de aula estabelecido, sobretudo a nível temporal, de forma a aumentar a observação e correção do desempenho dos alunos.

Quanto à organização da turma, tive facilidade em manter uma posição diferenciada, tendo tido a preocupação de manter sempre os alunos sob supervisão. Contudo, na Patinagem, houve alguma dificuldade sobretudo em tarefas por vagas, devido a terem diferentes níveis de desempenho e estarem estimulados para a tarefa, uma vez que os alunos sentiam vontade de andar de um lado para o outro. Nesta situação optei por circular sempre por fora da turma e utilizar os sinais sonoros para controlo da turma, por exemplo: um apito parava a atividade que estavam a realizar; dois reuniam-se junto da professora.

Outros aspetos que considero importantes foram a capacidade de gerir o material, tendo feito os alunos participar no transporte, montagem e arrumação do mesmo, a constituição de grupos, de acordo com os objetivos da aula, bem como a análise da Avaliação Diagnóstica.

Quanto ao clima e disciplina, desde cedo, incuti um espírito de turma e uma boa relação com os alunos, onde predominou o respeito, obediência e empenho nas tarefas. É de referir que não houve casos de indisciplina graves, apenas os que estão relacionados com a idade (conversa lateral e interrupção na instrução ou no colega), e em todos tive uma interferência rápida eficaz, bem como a preocupação de que os alunos compreendessem o erro da sua atitude e o admitissem.

Afirmo, então, que o controlo da turma foi sendo gradual e sistemático, através dos domínios das técnicas de intervenção e noção dos conteúdos a lecionar, sendo

que estudava e discutia a aula e conteúdos previamente, solicitando a superação das capacidades dos alunos nas tarefas, corrigindo, estimulando e estruturando o seu comportamento e estimulando as atitudes de empenhamento, destacando-as no decorrer da aula.

Em relação à avaliação adquiri conhecimentos a nível da observação dos critérios de êxito e erro, verificando-se uma maior evolução no registo pelos ensaios no preenchimento de instrumentos de medida, e na análise crítica da prestação dos alunos, aula a aula com a preocupação de ajustar a lecionação ao mesmo. Acredito que o facto de estudar previamente as características da turma, a convivência e a aprendizagem consistente favoreceram o ato avaliativo, assente no ideal de verificação de aprendizagens alcançadas pelos alunos, através da Avaliação Diagnóstica, Formativa, Sumativa e Autoavaliação.

Essencialmente, adquiri competências de observação, de instrução, de síntese de recolha de dados e de comunicação procurando o progresso da turma.

4.1.2 Compromisso com aprendizagem dos alunos

O ano de Estágio foi o ano de contato com uma turma, tendo sido um ano muito rico e repleto de aprendizagens. Estes aspetos tiveram influência na evolução e progressão dos alunos, favorecendo o processo ensino-aprendizagem. O que inicialmente foi demonstrado como receio, o facto de a turma ter uma estagiária, posteriormente revelou-se como um incentivo à prática, devido à observação sistemática do professor João Gandum (ajudando na observação e correção dos conteúdos e tarefas propostas) e da interação estabelecida pela seleção de conteúdos, organização, sistematização e organização didática, facilitando o processo ensino-aprendizagem.

Tendo como principal objetivo a evolução do aluno, inicialmente, realizei uma análise da vida de turma, ou seja, distribuí questionários biográficos à turma sua caracterização ter como base o conhecimento de alguns aspetos a nível social e pessoal. Verifiquei que foi o primeiro ano que a turma esteve junta, ou seja, os alunos vieram de escolas diferentes com tipo de ensinamentos/conteúdos lecionados diferentes, verificados posteriormente na Avaliação Diagnóstica. Devido a esta

heterogeneidade e para que fosse criado um ambiente turma agradável e respeitoso foi necessário desenvolver a afetividade, confiança, empatia e respeito entre professores e alunos, não permitindo que interfiram no cumprimento ético do meu dever de professora, verificando mudanças, para a autonomia, para a liberdade, através do trabalho positivo e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais.

O facto de realizar esta avaliação da turma, permitiu-me caracterizar a turma e, depois dos alunos consciencializarem as regras e normas solicitadas, realizar um trabalho, inicialmente, por comando e tarefa, mas colaborativo e cooperativo, findando com um ensino recíproco e inclusivo, através da criação de grupos-nível.

Desta forma, era meu objetivo/desejo contribuir de forma decisiva para a educação integral do aluno, sendo que a turma demonstrou uma evolução nos três domínios (psicomotor, cognitivo e sócio afetivo), compromisso para com esta “obrigação”, que assumi desde o primeiro dia do ano letivo.

4.1.3 Inovação nas práticas pedagógicas

Inovar, de acordo com o Dicionário Português, significa “mudanças que provocam a melhoria do processo”, “novidades em...”, “renovar”. Assim, neste subcapítulo analiso a introdução de estratégias para a melhoria do processo ensino-aprendizagem.

Como referido acima, o meu compromisso principal foi a aprendizagem dos alunos, através de situações motivadoras e enriquecedoras, embora tivesse uma turma do sétimo ano, estes inseriam-se num ambiente tecnológico e de satisfação. Assim, para motivar à prática desportiva foi necessário inicialmente criar aquecimentos mais complexos e específicos à prática (Atletismo e Voleibol, utilizando as bancadas da escola e linhas de campo) e, posteriormente utilizar jogos lúdicos com aproximação à prática (ex: salto ao eixo dois a dois – Ginástica, Futebol e Basquetebol com Patins – Patinagem) criando objetivos de equipa e individuais.

O Núcleo de Estágio pretendeu, ainda, transmitir saberes e experiências apropriados para modificar a vida académica e pessoal do aluno. Assim, as

atividades de Projetos e Parcerias Educativas, bem como a realização do Acampamento de Final de Ano (a executar), foram de extrema importância para a evolução do aluno como ser autónomo e responsável, visto que muitos, por exemplo, nunca tinham cozinhado ou lavado a loiça. No dia 24 de Maio de 2012, o Núcleo Estágio da ESIDM realizou uma corrida de resistência com os alunos do 8ºA (turma do professor orientador), para que criassem hábitos desportivos na sua zona de residência, realizando um circuito durante 50 minutos.

A realização das atividades acima descritas favoreceram o aluno como ser Humano, preparando-o para a vida e motivando-o a criar hábitos de vida saudável, revelando atividades gratificantes tanto no domínio motor como socio afetivo.

4.2 Dificuldades sentidas e formação contínua

4.2.1 Dificuldades sentidas e sua superação

Ao longo do Estágio Pedagógico, como referido, foram surgindo diversas dificuldades que foram sendo colmatadas, através das sugestões dos professores orientadores, pesquisa individual e autocrítica.

A primeira dificuldade sentida foi relativa ao plano de aula, em termos de concretização, de duração de exercícios e de como colmatar eventuais dificuldades sentidas pelos alunos, visto que estava “agarrada” à planificação e realização do mesmo. Contudo, com o passar do tempo e conhecimento da turma, foi possível desvincular-me do mesmo, conseguindo adaptar o plano de aula e objetivos à turma, possibilitando a exercitação e consolidação dos conteúdos abordados.

Devido à inexperiência na lecionação, outra dificuldade vivida, foi a observação durante a lecionação, dificultando a instrução e, conseqüentemente, o fornecimento de *feedback* e correção de erros na execução das tarefas propostas. Para superar estas dificuldades optei por estudar o plano de aula e conteúdos a abordar, recorrendo à análise das aulas do professor orientador, sugestões de melhoria em reuniões com o Núcleo de Estágio e a materiais didáticos (manuais escolares, documentos das federações e treinos de clubes), sendo que a realização dos

relatórios, bem como das minhas aulas favoreceu a organização e planeamento das aulas seguintes.

Para além deste período de adaptação, foi necessário realizar reajustamentos, ao inicialmente estabelecido, na planificação da lecionação, ajustando as tarefas à heterogeneidade da turma conciliando as aprendizagens conseguidas pelos alunos.

Ao nível da gestão e controlo da aula senti dificuldades no posicionamento, em algumas unidades didáticas, e inicialmente na gestão temporal dos exercícios propostos. Contudo, estas foram sendo colmatadas eficazmente aumentando o tempo motor da turma e seguindo as indicações dos professores orientadores para manter a turma sob o meu campo de visão. Outro item que influenciou foi a disciplina, sendo que a turma sempre demonstrou uma atitude sociável e respeitável para com a professora, contudo como não havia o conhecimento prévio, por vezes foram demonstrando atitudes “menos corretas com os colegas. Assim, foi importante desenvolver estratégias para colmatar esse tipo de atitudes para que em todos os segmentos houvesse harmonia e um ambiente favorável voltado para a tarefa e para a cooperação, através de grupos de trabalho para que os alunos menos interessados não prejudicassem o trabalho dos colegas e de objetivos comuns criando um ambiente de Turma.

No que toca à recolha de dados avaliativos, senti na Avaliação Diagnóstica (primeiras aulas) dificuldade no registo nas grelhas de avaliação e controlar, ao mesmo tempo a turma. Assim, com ajuda do professor orientador reformulámos os instrumentos de avaliação inicial, facilitando o registo, e adotei a estratégia de fornecer *feedback* à medida que o aluno realizava o exercício-critério. Outra forma de superação desta dificuldade foi utilizar a memória informacional, registando após a aula todos os aspetos observados.

4.2.2 Formação contínua

O Estágio Pedagógico, para mim, foi a meta a ultrapassar no processo de formação e é também, o ponto de partida para uma atividade profissional. A meu ver, aumentou o meu nível de desempenho como Educador e neste momento encontro-me num nível bastante superior comparativamente com início do Estágio.

Contudo, não pretendo “morrer na praia”, tendo como intenção continuar a adquirir e a consolidar conhecimentos a nível científico, técnico e pessoal.

A nível científico pretendo ampliar a minha formação em termos de intervenção pedagógica e na transmissão de conteúdos, tendo como intenção aumentar o conhecimento nalgumas matérias nucleares, mas principalmente procuro formação nas matérias alternativas.

É de realçar, ainda, que a qualidade do ensino de Educação Física depende da formação contínua dos professores e que, a nível pessoal, torna-se necessário a formação a nível cultural, social e ético, visto a sociedade estar em eterna alteração. Ou seja, é importante que o professor desenvolva capacidades e estratégias para motivar os alunos para a prática desportiva aumentando o seu saber, saber estar e saber ser.

A formação contínua deverá ser, uma ferramenta para aumentar o saber, de forma a vencer as dificuldades e incertezas que sentirei no futuro, preservando a intervenção pedagógica e estimulando competências a nível de tomada de decisão, o sentido crítico, a imaginação e solução de problemas, realçando a importância dos valores e atitudes.

Assim, esta etapa será alargada para os meus anos futuros, acompanhando sempre a minha vida profissional, tendo como objetivos finais a transmissão, exercitação e obtenção de conteúdos, saberes e valores.

4.3 Ética-profissional

4.3.1 Capacidade de iniciativa e responsabilidade

Desde início de atividade de estágio que tive como propósito adotar e executar todas as funções adjacentes ao cargo, favorecendo um clima de partilha e agradável na turma, no Núcleo de Estágio e no Departamento de Educação Física.

Um dos fatores a salientar foi a proatividade que demonstrei ao longo deste ano, através da capacidade de resolução de imprevistos no decorrer das aulas, na

participação das atividades desenvolvidas pela Escola e Departamento de Educação Física, ajudando no planeamento e organização em fase escola dos seguintes eventos: *Corta-Mato*, *MegaSprint*, *Compal Air* e *MegaSalto*. O facto de ter acompanhado os alunos a nível local e distrital foi muito importante por ter sido responsabilizada a intervir no seio escolar, elevando o carácter de educadora e orientadora da atividade dos alunos.

Foi ainda iniciativa do Núcleo de Estágio propor o “Torneio de Voleibol 3x3” à comunidade escolar, inserindo esta Semana Desportiva da Escola, e a atividade de 3 dias na Serra da Estrela, favorecendo a prática de *Sky/Snowborad*.

A título individual foi muito importante ter tido a iniciativa de assistir a todas as aulas do professor orientador durante todo o ano e, sempre que possível, as de outros professores do Grupo de Educação Física, acompanhando sempre estas assistências com pesquisa individual e reuniões onde tive oportunidade de retirar todas as dúvidas relativas à lecionação. A minha conduta revelou, ao longo do ano, uma atitude responsável e respeitável para com todos os intervenientes de ensino (alunos, funcionários e professores), articulando positivamente e construtivamente o trabalho desenvolvido tendo como principais objetivos a minha aprendizagem neste novo meio, o cumprimento das exigências impostas pelo contexto escolar e responsabilizar-me pelos resultados alcançados pelos meus alunos.

4.3.2 Importância do trabalho individual e de grupo

No desenvolvimento deste estágio foi possível e necessário a interação e união entre intervenientes do ensino, apostando no trabalho colaborativo e cooperativo, sendo parte integrante do mesmo.

O trabalho individual foi constante e bastante gratificante para a minha evolução como professora, enriquecendo-me, apoiando-me e responsabilizando-me em todas as decisões educativas desde o planeamento à intervenção pedagógica. É de salientar que o facto de ter realizado as análises/reflexões críticas e pesquisa bibliográfica favoreceu a minha evolução, ampliando os conhecimentos a abordar e produziu momentos de partilha e de troca de ideias com os colegas estagiários, professor orientador e professores do Grupo da Educação Física.

Relativamente ao trabalho de grupo é de destacar a união e espírito de cooperação entre todos os professores do Núcleo de Estágio, sendo notório o trabalho de equipa nas atividades desenvolvidas e nas tomadas de decisão, uniformizando processos e favorecendo o senso comum. Neste aspeto foi crucial a articulação de indicadores da prática pedagógica e disponibilidade, resultando num proveitoso entendimento com os diversos professores e estagiários. É de referir, também, que o facto de conhecer os meus colegas estagiários e trabalhar com eles, já há cinco anos consecutivos, favoreceu o clima de trabalho e trabalho realizado em conjunto (Planeamento e Projetos do processo ensino-aprendizagem e atividades educativas escolares).

Foi de interesse próprio assumir esta posição vinculativa, inter-relacional e de responsabilidade (própria e coletiva) no desenvolvimento de ambiente de trabalho colaborativo e cooperativo através do respeito mútuo.

Concluindo, estes fatores foram fulcrais para a minha evolução como indivíduo e ser autónomo e responsável, desenvolvendo a prática profissional com a prática letiva e que permitiu a criação de um sentimento de autoconfiança e de confiança mútua, partilha de receios e teorização da prática.

4.4 Questões dilemáticas

No decorrer do ano de Estágio Pedagógico surgiram questões dilemáticas relativas aos conteúdos programáticos, componentes críticas e sua lecionação.

Primeiramente foi evidenciada a dúvida de exequibilidade do Programa Nacional de Educação Física. Apesar de ter tido sempre em ponderação os objetivos definidos pelo Programa considero que este é ambicioso em determinadas modalidades tendo como partida que os alunos tenham adquirido as competências solicitadas nos anos anteriores. Este seria apenas cumprido integralmente numa situação ideal de ensino, sendo que os alunos são diferentes, com realidades escolares diferentes e ritmos de aprendizagem diferentes. Assim, cumpri o que estava estipulado no Programa Curricular de Escola, abrangendo as modalidades e competências solicitadas pelo Programa Nacional de Educação Física, sabendo que

cada aluno é individual e o processo-ensino-aprendizagem difere entre professores e Escola.

Contrariando um ensino massivo, defendo a interpretação das características dos alunos favorecendo a igualdade de oportunidade e superação de dificuldades, sendo que na Avaliação Diagnóstica, em algumas modalidades, optei por definir objetivos para grupo nível. Contudo na formação dos mesmos surgiram algumas dúvidas: quantos grupos deveriam ser formados, o que fazer com alunos isolados em níveis distintos dos outros ou em grupos de pequena dimensão e por fim como poderia realizar ensino recíproco com a turma em grupos nível. Assim, defini grupos e objetivos nas modalidades (Natação, Ginástica e Patinagem) e utilizei grupos-nível, conforme a prestação dos alunos na avaliação diagnóstica. Consoante a sua evolução progrediam de nível, sendo que por vezes solicitei aos alunos com melhor prestação na realização dos exercícios e componentes críticas (Nível 1/Avançado) que ajudasse e integrassem o grupo com maiores dificuldades (Nível 3/Introdutório).

Outra questão que tive de refletir foi em relação à condução da aula, saber quando deveria passar para o exercício seguinte e se o deveria fazer devido ao tempo de execução de prática. Por diversas vezes este assunto foi debatido com o Professor João Gandum tendo clarificado e esclarecido esta questão. Assim, verifiquei que se dar tempo de prática aos alunos permite colmatar as suas dificuldades, mas, por outro lado, aumentar o tempo de prática pode levar à desmotivação e desinteresse dos alunos, caso estejam a revelar insucesso na tarefa. Ainda neste item, foi de extrema importância debater como executar o aquecimento: geral e/ou específico; através da rotina; com vertente lúdica. Estas foram das principais questões que debatemos em Núcleo de Estágio, tendo, por iniciativa própria utilizado aquecimentos tão específicos quanto possível e situações de jogo para introdução de regras e aumentar espírito de equipa de forma a servir os objetivos pretendidos.

Nos diversos momentos de avaliação houve diversas dúvidas sobre a sua aplicação e observação. Contudo, devido às diversas observações realizadas (entre Núcleo de Estágio e colegas do Grupo de Educação Física) considero que a avaliação tradicional (individual e nominal) não traz benefícios para o processo de aprendizagem do aluno. Assim, nestas, adotei a estrutura e organização das aulas, não referenciando o seu relevo, e observando a evolução e estabelecendo

comparação entre a avaliação diagnóstica e as aprendizagens conseguidas pelos alunos.

4.5 Conclusões referentes à formação inicial

Terminado o estágio pedagógico é essencial refletir sobre as conclusões face a esta formação inicial. Neste âmbito, analisaremos primeiramente o impacto do estágio na realidade escolar, posteriormente abordará a questão da prática pedagógica supervisionada e, por fim, uma reflexão referente à experiência pessoal e profissional adquirida.

4.5.1 Impacto do Estágio na realidade escolar

Neste ponto referirei três dimensões com que me deparei ao longo deste ano letivo e que influenciaram a minha evolução.

A primeira está relacionada com os alunos da turma do 7^ºA sobre os quais a minha ação foi sistemática, sendo o foco do meu trabalho e usufruindo diretamente da minha atuação.

A segunda no âmbito da Unidade Curricular de Organização e Gestão Escolar, na assessoria ao cargo de Diretor de Turma, neste caso específico da turma acima descrita da Escola Secundária Infanta D. Maria, na pessoa da sua Diretora de Turma a professora Fernanda Repas. Felizmente o meu horário de trabalho permitiu acompanhar, colaborar e coadjuvar a ação da Diretora de Turma uma vez que as horas de direção de turma (Quarta-Feira 9h15h às 10h00) eram compatíveis com o meu horário, permitindo assim uma presença regular e assídua no trabalho desenvolvido pela Professora Fernanda Repas no exercício do seu cargo.

A terceira está relacionada com a unidade curricular de Projeto e Parcerias Educativas, nomeadamente com os dois eventos que organizámos e realizámos no seu âmbito – Torneio de Voleibol 3x3 - no qual participaram 44 alunos do Ensino Básico e 184 alunos do Ensino Secundário, num total de 228 alunos, do sétimo ao décimo segundo ano da Escola, estando inserido na Semana Desportiva da Escola. Ainda no decurso deste evento há a destacar a participação no *Compal Air* Fase

Local e Distrital e *MegaSprint* e *MegaSalto* Fase Distrita, tendo acompanhado os alunos e responsabilizei-me pelas suas participações nestes mesmos eventos, com a ajuda do coordenador do Desporto Escolar da Escola. O facto de organizar e participar nas mais diversas atividades da escola são um contributo do estagiário no meio escolar, desde a aplicação ao fornecimento de novas ideias e soluções.

O outro evento também realizado no âmbito da unidade curricular de Projeto e Parcerias Educativas foi a realização de uma atividade de Iniciação e Aperfeiçoamento de *Ski/Snowboard* na Serra da Estrela, durante três dias, tendo como principal objetivo de reforçar o gosto pela prática das atividades físicas de aventura, aliada à consciência cívica, em especial à preservação do ambiente e manifestar sentido de responsabilidade, de flexibilidade e de respeito por si e pelos colegas. Neste evento participaram 59 alunos das turmas 7^oA, 7^oB, 7^oC, 8^oA e 8^oB.

Pelo acima exposto posso afirmar que o impacto do Estágio na realidade do contexto escolar foi muito significativo e positivo, sendo que tirei o maior partido da minha exercitação como docente para a minha aprendizagem.

4.5.2 Prática pedagógica supervisionada

É de salientar o processo essencial para o meu progresso e evolução no decorrer do Estágio Pedagógico: o processo de supervisão. Este teve um papel preponderante na superação de dificuldades, aperfeiçoamento da ação pedagógica e descoberta de ser professora.

Através do estágio foi possível apurar que a tarefa primordial que passou por acompanhar e vigiar a prática pedagógica foi a reflexão, tornando-se a “chave” e elemento central neste processo. Esta permitiu que tomasse consciência das atitudes e métodos a utilizar no processo ensino-aprendizagem, através do confronto entre o realizado e o ideal.

Especificamente, o Orientador da Escola, Professor João Gandum, acompanhou, observou e orientou toda a minha atividade desenvolvida na Escola, no futuro mundo profissional. Este agente de ensino ajudou-me a modificar erros e maneiras de pensar, através da interpretação, estando sempre disponível e atento às minhas

necessidades. Saliento, ainda, que a atitude calma, de experiência e sabedoria deste professor foi preponderante para a minha evolução, visto que ensinou o que sabia e aquilo que é o seu agir enquanto humano, permitindo-me descobrir as formas de ensino individuais e orientando-me em todas as minhas decisões, sendo relevante aprender com erros cometidos. Assim, considero que desenvolvi e aperfeiçoei capacidades para a prática pedagógica e descobri um estilo pessoal de ensino, sendo importante realçar a autonomia que o orientador proporcionou das diversas tarefas e o diálogo e discussão realizadas entre Núcleo de Estágio, defendendo os interesses do Núcleo e orientando de forma responsável e crítica.

Relativamente ao Orientador da Faculdade, Mestre Antero Abreu, acompanhou o decorrer da prática, através da observação das aulas e crítica às mesmas, realizando um balanço do desenvolvido e sugerindo possíveis alterações ou ajustamentos, tornando a avaliação a mais formativa possível. Este professor foi ainda, uma ponte entre estagiários e Faculdade, alertando-nos para todas as modificações de calendarização e de entregas de trabalhos, e sempre se mostrou disponível para responder a eventuais dúvidas e questões.

Assim, a supervisão da prática pedagógica fez todo o sentido visto ser impraticável realizar aprendizagens ao nível do realizado se não tivesse acompanhamento científico e pedagógico. Através da supervisão da prática pedagógica, foi possível ter tido, com professora estagiária: orientação da ação pedagógica; ajuda a superar as dificuldades sentidas; solução para problemas; e desenvolvimento das competências essenciais à prática profissional.

4.5.3 Experiência pessoal e profissional

Fazendo uma retrospectiva posso afirmar com toda a certeza que se tratou de um ano positivo e decisivo na minha evolução como pessoa e profissional. Proporcionou-me um progresso ao nível pedagógico e cognitivo (aquisição de conhecimento e aperfeiçoamento de estratégias de processamento de informação), alargando os meus conhecimentos relativamente a questões organizacionais e funcionais do sistema escolar.

Toda esta evolução deveu-se ao crescimento através do combate de contrariedades e dificuldades, ajudando a encarar a realidade com outro ânimo. Reconheço que o esforço desenvolvido, o trabalho de equipa, a exigência do trabalho individual foram fatores que contribuíram para a melhoria do meu desempenho como agente de ensino, estes dois últimos anos de uma forma geral, e em particular este ano de estágio que deixar-me-á momentos muito gratificantes que ficarão marcados na minha memória. É de referir o contributo que proporcionei não só em termos de aprendizagens psicomotoras e cognitivas, bem como a nível de “saber estar” (sociais) aos meus alunos e a sua evolução ao longo do ano letivo.

Ao longo deste ano de estágio, fiquei com a consciência da evolução dos alunos: no interesse pela disciplina, no envolvimento nas atividades, na responsabilização que adquiriram gradualmente (aula a aula), num percurso apoiado e produtivo. Parece-me que terá sido este equilíbrio entre a firmeza e o interesse que demonstrei pelos alunos, as preocupações sentidas e a atenção fornecida, aliado ao rigor da exigência que alicerçaram o meu trabalho.

Através da comparação da generalidade do grupo/turma do início do ano para o final do mesmo posso afirmar que houve uma evolução substancial em todos os domínios. Assim, finalizo afirmando que este estágio revelou-se numa experiência pessoal e profissional significativa e gratificante.

5- APROFUNDAMENTO DE TEMA

Tema: Articulação do Currículo em Educação Física

No decorrer deste ano, fui confrontada com a exequibilidade do Programa Nacional de Educação Física e Metas de Aprendizagem para o 3º Ciclo. Apesar de ter tido sempre em atenção todos os objetivos definidos pelos documentos referidos acima, e cumprindo o planeado, considero que estes são, por vezes demasiado ambiciosos, na medida em que pressupõem que todos os alunos adquiriram as competências definidas nos anos transatos.

Nas Avaliações Diagnósticas apercebi-me que os alunos são diferentes, com necessidades e ritmos de aprendizagens distintos e os professores, com formas de lecionar e orientar diferentes. De acordo com o referido, senti a necessidade de aprofundar a temática sobre a “Articulação Curricular no Ensino”, tendo como ponto de partida a Escola e Departamento e que a Educação é um processo que sempre consentiu transformações, a nível regulamentar e moral, como tal, deveremos ter em conta a aprendizagem do indivíduo num contínuo.

Neste capítulo pretendo analisar, através da revisão bibliográfica, a cultura colaborativa e colegial docente incidindo na abordagem de como estes se articulam no desenvolvimento do currículo, de modo a poderem contribuir para melhorar significativamente os processos de ensino-aprendizagem e por consequência, na melhoria das competências técnicas, científicas e pessoais dos alunos.

Ao realizar a Avaliação Diagnóstica, nas primeiras aulas, apercebi-me que os alunos não eram detentores de capacidades básicas descritas nos Níveis Introdutórios e Elementares, através da análise do Programa Nacional. No entanto quando cumprido, o Programa Nacional de Educação Física demonstra na minha opinião, uma articulação vertical entre outros anos reduzida ou nula, o que implica “recomeçar da base” a cada ano que se inicia, não se constituindo como um todo cuja assunção é a melhoria de um propósito, mas antes a soma de blocos de matéria. Com isto surgiram diversas dúvidas relacionadas com a lecionação, em anos anteriores, e evolução do Currículo do Aluno (“O que aprenderam até então? Como aprenderam? Como poderiam progredir, para atingir o nível esperado?”).

Deste modo, penso que os Programas estão desarticulados, devendo ser alterados profundamente, para se adaptarem à realidade das nossas escolas.

A abordagem metodológica utilizada foi qualitativa, focando a análise documental e a análise do contexto vivido. A opção por esta metodologia deveu-se ao facto de se preconizar uma reflexão da ação e uma contribuição à mudança de ideias e ações dos atores intervenientes no processo.

Analisando o Decreto-lei n.º 6/2001 e o conhecimento da prática realizada no decorrer deste ano letivo (Estágio Pedagógico) considero que existem dificuldades de articulação horizontal e vertical dos currículos, dos conteúdos, das aprendizagens, das atividades e das pessoas (trabalho colaborativo e colegialidade) no Ensino. Este facto constitui um problema, inicialmente, no processo ensino-aprendizagem, demonstrando ser um constrangimento apontado na melhoria das aprendizagens e do sucesso escolar dos alunos, bem como da atualização de conhecimentos pedagógicos e científicos.

De acordo Cardoso (1987), currículo é visto como “as experiências (ou aprendizagens) do aluno planificadas pela escola”, a mesma designação recobre os conteúdos (o quê?), os sujeitos (quem?), os métodos (como?) e a escola (onde?), o que significa captar a interdependência e unidade de todos os elementos integradores da situação de ensino-aprendizagem, incluindo o lugar onde se aceita que ultimamente tudo se decide: a classe.

Contudo, Alonso (2000) refere que o currículo é um instrumento que possibilita a clarificação e partilha de intenções e valores, acerca do que é relevante ensinar/aprender na escola e a sua tradução em propostas de intervenção significativas para a formação dos alunos, através de processos de reflexão, investigação e colaboração dos professores. Assim, os diferentes autores tendem a tornar o currículo num processo contextualizado, flexível e dinâmico em que valoriza o processo de aprendizagem e a cultura experimental do aluno, deixando de ser um produto acabado e passando a ser um caminho a percorrer, tendo por base as aprendizagens essenciais e reconhecidas como competências indispensáveis que o aluno deverá adquirir na escola.

Segundo Peralta (2002), concebe o currículo como um processo de construção social, política e moral em que os Projetos Curriculares são também espaços

importantes quer de reflexão e discussão sobre os problemas educativos fundamentais, tomada de decisões pedagógico-didáticos para melhorar as práticas educativas, numa perspetiva de integração, que permita dar um sentido articulado e relevante às aprendizagens que se propõem aos alunos como significativas. Neste sentido os professores deverão conceber o projeto curricular tendo em conta o contexto (escola e turma) e a aprendizagem dos seus alunos, incorporando as decisões e condicionantes locais e regionais.

De acordo com vários autores, o professor assume o estatuto de profissional do currículo, isto é, aquele que é capaz de interpretar o currículo formal dando-lhe sentido em função de cada situação real, aquele que sabe decidir em cada momento do processo de construção do currículo, o que delibera após exame prévio e o que é capaz de tomar decisão adequada à situação concreta. Neste sentido, o currículo deverá ser construído e contextualizado assentando no contributo das relações a estabelecer entre os diferentes intervenientes, com referência a parâmetros colaborativos, numa lógica vertical e horizontal.

Segundo Guará (2009) a ênfase na articulação de conhecimentos e disciplinas que objetiva a integralização de experiências e saberes no processo educativo considera que as práticas educacionais devem abrir-se a experiências e conteúdos transversais.

A aquisição e a aplicação das competências, conforme referi anteriormente, é o objetivo da prática letiva e de todas as atividades realizadas na Escola, para o qual se torna indispensável o trabalho cooperativo entre docentes e escolas a, de modo a que todos trabalhem na mesma direção, dando mais facilmente sentido ao que lecionam, na perspetiva do aluno.

Ressalva-se, então, que o trabalho colaborativo surge como resolução das diversas tarefas a realizar pelos professores no âmbito da reorganização curricular, dando respostas aos problemas do insucesso escolar e à qualidade do ensino, através da cooperação entre docentes da escola ou agrupamento de escolas adequando o currículo aos interesses e necessidades específicas dos alunos e assegurando a articulação entre professores da turma e os alunos.

Nos termos da circular nº17/DSC/DEPEB/2007 de 10 de Outubro: “a articulação entre as várias etapas do percurso educativo que se inicia na Educação Pré-Escolar,

implica uma sequencialidade progressiva, conferindo a cada etapa seguinte, a função de completar, aprofundar e alargar a etapa anterior, numa perspetiva de continuidade e unidade global de educação/ensino”.

Adotando a abordagem de Gonzalez (2003, p.57) a articulação articular advém do trabalho de departamento segundo duas dimensões: horizontal e vertical.

A dimensão horizontal aborda aspetos como tarefas de planificação da atividade docente; desenvolvimento e coordenação do currículo, definição de critérios de avaliação das aprendizagens dos alunos, definição da avaliação da equipa de docentes em coordenação com outras equipas e com o diretor executivo/gestor.

A dimensão vertical considera a coordenação das matérias que agrupam o departamento e assegura que não haja lacunas nem faltas no desenvolvimento das mesmas, verifica a continuidade na sequência do ensino, assenta na tomada de decisões relativas à planificação do ensino aprendizagem, coordena as atividades letivas que se desenvolvem e estabelece critérios sobre a avaliação das aprendizagens dos alunos.

De acordo com a perspetiva destas duas dimensões, o problema detetado durante este ano letivo assenta, mais especificamente, no desenvolvimento e coordenação do currículo, bem como na verificação da continuidade na sequência do ensino – articulação horizontal e vertical, respetivamente. Neste sentido, procura-se que o professor/coordenador seja um interveniente deste processo e que perspetive a ação educativa continuamente, a nível vertical e horizontal, facilitando a comunicação e entendimento entre os intervenientes do processo, fornecendo as informações necessárias para o nível seguinte de escolaridade (ex: revelando as matérias lecionadas, dificuldades sentidas, etc.).

Através da análise acima, segundo estudos realizados, verifiquei que a articulação dos conteúdos é uma realidade, denotando-se os seguintes aspetos para a sua concretização:

- Reunião, do grupo disciplinar;
- Programas nacionais devidamente articulados/divididos;
- A programação é baseada nos programas nacionais e definida em função das condições materiais e humanas existentes na escola;

- A planificação, avaliação e organização são feitas através de reuniões de ambos os ciclos;
- As atividades curriculares e extracurriculares são sempre definidas em conjunto e articuladamente.

Debruçando-nos na literatura analisada verifiquei que as estratégias para a solução deste dilema são: a partilha de ideias e informações didáticas, análise do contexto onde lecionam, planear redes de articulação escolares objetivando a solução de problemas e gestão organizada e competente;

Assim, as estratégias desenvolvidas neste processo foram a preocupação de trabalhar em conjunto (Núcleo de Estágio e Docentes de Educação Física da Escola), proporcionando momentos de partilha e trocas de ideias e informações, dando a conhecer entre os professores os níveis e objetivos de trabalho do ano, consoante o ano de escolaridade.

Segundo Braz (2009), os professores consideram que existe um conjunto apreciável de vantagens quando se trabalha em articulação curricular, designadamente com a valorização do trabalho colaborativo com um maior conhecimento dos conteúdos e dos programas para garantir a sua sequencialidade, na aprendizagem dos alunos, valorizando-se o processo de ensino-aprendizagem e as condições de transição de ciclo. Assim, a planificação conjunta da transição dos alunos, entre ciclos, é condição determinante para o sucesso da sua integração e transição facilitadora da continuidade educativa.

De acordo com o autor referido acima, a avaliação dos alunos também sai reforçada com a articulação curricular, considerando a adaptação curricular às necessidades dos alunos e adequação ao nível de exigência que ainda se tem junto dos alunos, visto que o processo ensino-aprendizagem reajustado consoante as características e necessidades educativas da turma. Por último, outra vantagem referida com a articulação prende-se com o funcionamento da escola/organização, permitindo melhorar a qualidade deste funcionamento do ponto de vista da garantia da sequencialidade do cumprimento dos programas.

Na revisão da literatura foi possível identificar alguns constrangimentos sentidos pelos profissionais da Educação Física. Entre estes destaco: escassez de tempo

para reunir, diversidade de interesses e valores entre professores falta de recetividade para partilha de ideias e colaboração com os outros (Braz, 2009).

Confrontando o analisado com o vivido na escola foi possível observar que o Departamento de Educação Física, a nível de organização e gestão escolar, defende a articulação curricular nos diferentes aspetos, horizontais e verticais, mas os intervenientes do processo educativo realçam a importância da articulação do currículo do aluno entre escolas (cedência de informação de professores de anos anteriores), ou seja, intercâmbio entre grupos de ação dos diferentes anos de escolaridade – passagem de testemunho dos docentes antes de final de ciclo (ex: o professor do 1º ciclo fornece informações do processo ensino-aprendizagem ao professor do 2º ciclo e assim sucessivamente). É de realçar que este tipo informação é individual (por aluno) e orientadora do trabalho do professor, pois contém as disciplinas e/ou objetivos alcançados. Estas informações permitem que o professor oriente o processo ensino-aprendizagem, tendo em conta a evolução do aluno e a diversidade de matérias a abordar.

Assim, os professores do Departamento de Educação Física orientam-se pelo Programa Nacional de Educação Física, distribuindo as matérias a desenvolver em cada ano de escolaridade, havendo passagem de informação relativas a objetivos alcançados e por alcançar dos alunos.

De acordo com o exposto, foi identificado a existência de trabalho colaborativo entre professores de Educação Física do 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, devido a um maior espírito de grupo, da cultura de trabalho colaborativo já mais habitual dentro dos grupos disciplinares, evidenciado como principal objetivo o desenvolvimento de competências dos alunos, a sua participação em projetos escolares e na competição do desporto escolar

As políticas educacionais apontam, nos seus discursos, quer para a articulação numa ótica de sequencialidade de conteúdos, quer de processos que assegurem o estabelecimento de relações entre esses conteúdos e destes com os contextos onde o currículo ganha sentido. Sintetizando, admitindo a importância de processos de articulação organizacional, curricular e pedagógica, há que trabalhar, pelo menos, ao nível de:

- Estabelecimento de relações entre níveis e ciclos de ensino;

- Cooperação entre docentes;
- Realização de atividades entre a escola e a comunidade;
- Estabelecimento de relações entre conteúdos;
- Coerência entre projetos que permitam compreender e desenvolver competências de intervenção nas situações com que se convive;
- Valorização das experiências de vida e dos quotidianos diversificados.

Concluindo, a associação entre educação integral e desenvolvimento integral ancora-se na oferta regular e contínua de oportunidades para um crescimento humano progressivo encadeado na experiência social e histórica, na articulação das diversas dimensões da vida e na interdependência entre processos e contextos de vida. Neste mundo real é, então, relevante proporcionar e desenvolver nos alunos competências sociais, físicas, intelectuais e emocionais, aliciando confiança em projetos mais complexos e em relações ampliadas.

6 CONCLUSÕES

O Estágio Pedagógico é referido como a área de ligação ao contexto real de trabalho, permitindo o contacto com a dinâmica da ação, a aprendizagem a partir do erro, a construção de saberes, o desenvolvimento da capacidade de reflexão, o desenvolvimento da relação pedagógica e ainda, a mediação entre o profissional e a sua ação.

Neste trabalho importa referir que utilizei o que aprendi na Faculdade, principalmente nas disciplinas que focalizavam a criança, o desenvolvimento motor e estudos práticos onde foi trabalhada a iniciação desportiva dentre outras disciplinas que focalizavam o ensino da Educação Física.

No decorrer desta experiência foram inúmeras as aprendizagens realizadas e vividas diretamente com os alunos, aprendendo novas formas de ensinar e aprender encarando o ensino como um desafio diário, tornando-se necessário a atualização constante.

Os alunos estão cada vez mais evoluídos e bem informados, esquecendo-se de brincar e experimentar novas atividades, torna-se assim relevante a função do profissional de Educação Física, fazer a criança/jovem despertar o lúdico e físico novamente, esquecido através da informatização.

Conjugando o aprendido com o vivido, aprofundei o tema de articulação do currículo, através da revisão bibliográfica realizada, sendo que se a base for bem construída a finalização do processo ensino-aprendizagem terá um desempenho mais consistente no currículo do aluno do que se não for propiciada a possibilidade de novas experiências e de progresso aos educandos.

Como diz Marxwell Maltz; “A vida está cheia de desafios que, se aproveitados de forma criativa, transformam-se em oportunidades”.

BIBLIOGRAFIA

ALLAL, L. et al. (1986). *A Avaliação Formativa num Ensino Diferenciado*. Livraria Almedina.

ALONSO, L. (2000). Desenvolvimento curricular, profissional e organizacional: Uma perspetiva integradora de mudança. *Revista Território Educativo*, nº 7, 33-42.

BENTO, J.O., (1987). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte

BLOOM, B., HASTINGS e MADAUS (1971). Handbook on Formative and Sumative Evaluation of Student Learning. New York: McGraw-Hill Book Company. (Manual de Avaliação Formativa e Sumativa do Aprendizado Escolar. S. Paulo: Livraria Pioneira Editora.)

CARDINET, J. (1983). *Des instruments d'évaluation pour chaque fonction*, Neuchâtel, Institut romand de recherches et de documentation pédagogiques.

CARDOSO, A (1987). Em torno dos conceitos de currículo e desenvolvimento curricular. In **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Ano XXI (pp. 221-232).

CARVALHO, L. (1994). Avaliação das Aprendizagens em Educação Física. in *Boletim SPEF* n.º 11. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Educação Física. (pp. 135-151).

COSTA, J. A; MELO, A. S. (1993). *Dicionário da Língua Portuguesa*. 6ª ed. Porto: Porto Editora.

GONZALEZ, M. T. (2003). *Organización y Gestión de Centros Escolares: dimensiones y procesos (57-73)* Coord. M.ª Tereza Gonzalez et al. Madrid: Pearson Educación, S.A.

GUARÁ, i. (2009). Educação e desenvolvimento integral: articulando saberes na escola e além da escola. in *Aberto*, Brasília, v. 22, n. 80, p. 65-81.

GUBA, E. G, & LINCOLN, Y. S. (1989). *Fourth generation evaluation*. London: Sage Publications.

BRAVO, M. M. G. F. (2010). Do Pré - Escolar ao 1º Ciclo do Ensino Básico: Construindo práticas de Articulação Curricular. Dissertação de mestrado, Universidade do Minho.

BRAZ, J. (2009). Articulação Curricular Como Problema Da Gestão Escolar. Trabalho de projeto de mestrado. Faculdade De Psicologia e de Ciências Da Educação, Universidade de Lisboa.

PACHECO, J. (1995). *A avaliação dos alunos na perspectiva da reforma* (Proposta de Trabalho). Porto: Porto Editora

PERALTA, M. H. (2002). Projectos curriculares e trabalho colaborativo na escola. In ME/DEB. **Gestão Flexível do Currículo. Reflexões de formadores e investigadores**. Lisboa: Departamento de Educação Básica. (pp. 13-21)

RIBEIRO L (1999). Avaliação da Aprendizagem. Lisboa: Texto Editora.

SIEDENTOP, D. (2008). Aprender a Enseñar la Educación Física. Barcelona: Inde

ZABALZA, M. A. (2000). *Planificações e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições Asa.

Legislação Consultada:

Circular nº17/DSC/DEPEB/2007 - Gestão do Currículo na Educação Pré-Escolar

Dec-Lei n.º 6/2001 de 18 de Janeiro – Os currículos e a articulação curricular.

Dec-Lei nº 74/2004 de 26 de Março - Estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão curricular, bem como da avaliação das aprendizagens, no nível secundário de educação

Dec-Lei n.º 115-A-98 de 4 de Maio – Regime de Autonomia e Gestão das Escolas;

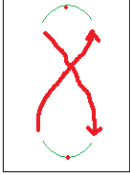
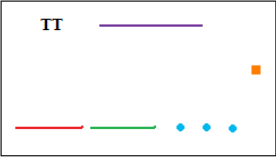
Dec-Lei n.º 240/2001 de 31 de Agosto – Perfil dos professores e dos educadores de Infância.

Lei das Bases do Sistema Educativo – lei nº49/2005 de 30 de Agosto;

Portaria n.º 921/92 de 23 de Setembro – Regulamenta as competências dos departamentos curriculares.

ANEXOS

Anexo 1 – Estrutura do Plano de Aula

3º Período	N.º Aula/Total	51/65	Nº Blocos/Total	5 e 6/9	Duração	90'	Data	19/04/2012	Hora	08:30 – 10:00	Espaço	Gin
Unidade Temática		Patinagem			N.º Alunos Previsto	28	Nº Disp.		Prof. Estagiário	Ana Franco		
Objetivos Gerais		Aperfeiçoamento a técnica de patinar. Exercitação da patinagem à frente, deslizes, Curva (pés paralelos). Introdução de Oitos à frente e retaguarda e travagem “T”										
Função Didáctica		Introdução e exercitação										
R. Materiais		28 Pares de patins e 4 bolas de voleibol										
Tempo		Tarefa			Organização		E. Ens	Componentes Críticas e Critérios de êxito				
Hora	Parc											
Parte Inicial												
08h30 08h40	10' 5'	Entrada dos alunos - chamada Colocar os patins – o aluno coloca-se de joelhos; Calça um patim, voltando a colocar-se de joelhos para calçar o outro; Colocar o pé junto do joelho do MI contrário, 4 rodas; Levanta-se através da elevação dos MS e do joelho em apoio no solo.			Em meia-lua, voltados para a professora.		E. Ensino por tarefa	<i>Normas de segurança:</i> 1º Patins: pés bem ajustados, seguros e confortáveis ao patim; Calçar de joelhos. 2º Não agarrar a nada nem ninguém; 3º Não rir/troçar/gozar dos colegas; <i>Regras de segurança:</i> 1- Não executar movimentos não indicados pela professora; 2- Sempre que está parado, o aluno mantém a posição de segurança, em “T”				
Parte Fundamental												
08h45 08h53 09h05 09h15 09h25 09h40	8' 12' 10' 10' 15' 5'	Jogo pré-desportivo – cada grupo deve realizar no mínimo 6 passes com passa e troca de lugar. Em pares realizam: a) Deslizes em 8 para a frente; b) Deslizes em 8 à retaguarda c) Patinar para a frente com o outro a fazer oposição Treino da travagem em “T” e de patinar para frente sozinhos Patinar em linha recta (frente) e em curva, com os patins paralelos e agachados, percorrendo um percurso obrigatório (formado com cones), mantendo os patins unidos após a aquisição de velocidade inicial Os alunos realizam em circuito: • Patinar para a frente; • Posição de Quatro; • Slalom • Curva, pés paralelos • Patinar para trás; • Travagem em “T”. Alongamentos			4 grupos de 7 alunos Pares, ao longo do comprimento do campo. Em oito no campo.		E. Tarefa Tarefa e Recíproco	O objetivo é que os alunos se esqueçam que estão de patins Oitos para a frente: Fazer força nos dois patins, para fora e para dentro; M.I. fletidos e inclinar tronco à frente; Fazer igual força com ambos os patins/pernas descrevendo dois semicírculos iguais. Patinar de Costas: -Colocar as pontas dos patins viradas uma para outra e os calcanhares afastados; -Afasta e une os calcanhares de modo que os patins descrevam um círculo; -Fletir os m.i. para afastar os calcanhares, e estendê-los para os unir novamente, dando o maior impulso quando se unem os calcanhares; Deslize côcoras: MI fletidos e posição engrupada, com braços à volta dos joelhos. Travagem em “T”: - Manter os ombros e a bacia paralelos entre si e voltados para o sentido do deslocamento; - Patim de travagem termina numa posição transversal em relação ao patim de deslize – 4 rodas; - Transferir progressivamente o peso para o MI de travagem.				
						E. Ensino por tarefa						
09h45 09:50 10:00	5' 10'	Retorno à Calma: Arrumação do material. Esclarecimento de dúvidas. Saída dos alunos para o balneário. Final da aula.			Meia-lua, voltados para a professora.		E. por comando	Cada aluno arruma o seu material.				

Fundamentação da aula:

Nesta aula optei por exercitar os elementos já abordados e introduzir novos conceitos (deslize em oitos à retaguarda e travagem em “T”), visto que os alunos demonstram um bom nível de desempenho e interesse. No início da aula, optei por introduzir um jogo lúdico para que os alunos comecem a esquecer o patim.

Iniciarei vários circuitos para que os alunos exercitem e interiorizem as técnicas abordadas.

No final desta aula, tenciono que os alunos estejam familiarizados com o patim e com a técnica de deslize à frente e à retaguarda.

Relatório de aula:

A aula iniciou à hora prevista com o registo das presenças e com o calçar do patim, segundo as indicações da professora. Os alunos sentaram-se e calçaram os patins de joelhos, como indicado.

Seguidamente calçaram os patins e lembrei as regras de segurança. Iniciei o aquecimento com o jogo pré-definido, ma fui ajustando consoante as dificuldades dos alunos, primeiramente realizaram 5 passes, depois 10 passes e encesta e passe e vai.

Nesta aula optei por não realizar o exercício 2, alínea c), e o 3 para que os alunos praticassem os oitos à frente e à retaguarda. O exercício 4, também não foi realizado, por ter dado tempo de prática a todos os outros, visto que tinha interesse em que adquirissem os outros conteúdos.

No segundo exercício (oitos) foram executados individualmente, com orientação do professor orientador, explicando as componentes críticas para os alunos interiorizarem. Seguidamente realizaram a pares, com esta estratégia pretendi complexificar, inicialmente, para a taxa de sucesso (realização a pares) aumentar posteriormente. O exercício seguinte teve como objetivo os alunos realizarem os oitos através do impulso, no espaldar, desde o espaldar até linha final/lateral.

Não foi possível realizar a travagem em “T” porque os alunos ainda não conseguem realizar o equilíbrio num só apoio. Assim, o professor orientador de Escola afirmou, em reunião de Núcleo, que deverei consolidar os conteúdos básicos (queda, patinar de frente, deslizes, curva, quatro e oitos), em vez de querer progredir na matéria, sendo eu os alunos terão a oportunidade de adquirir esses conteúdos no ano seguinte.

Como forma de rever o que tinha lecionado fiz um circuito aplicativo, onde os alunos o realizaram e demonstraram dificuldades na curva de pés paralelos e nos oitos à retaguarda. Este sistema foi facilitador para mim pois deu-me a possibilidade de observar/corrigir os alunos, sendo que nesta aula já estavam com maior empenho motor não estando tanto tempo à espera.

No decorrer da aula, constatei que os alunos estiveram desatentos e com muita conversa lateral, tendo-os chamado atenção para tal no momento (individualmente) e no final da aula (à turma), visto esta situação não

ser habitual e para que não se repetisse. Contudo, deverei criar estratégias para quando introduzir conteúdos ou variantes dos exercícios não perder tempo de instrução. Evitarei, ainda, realizar as demonstrações dos exercícios para acautelar que os alunos estejam desatentos aquando a instrução, assim, na minha perspetiva, os alunos estarão mais atentos.

Nesta aula verifiquei que os alunos estão a progredir, embora tenha 4 alunos que permanentemente insistem em realizar a marcha à Charlot, refugiando-se no medo, descoordenação ou por autodidatismo. Na próxima aula, optarei por realizar *feedbacks* quinestésicos e descritivos tentando evoluir com estes. Foi, também, possível observar que a restante turma está bastante empenhada nesta modalidade e à vontade para progredir a nível de conteúdos, contudo não realizarei a mesma progressão visto que pretendo consolidar estes conteúdos para que no ano seguinte possam avançar sem dificuldades.

Anexo 2 – Grelha de Avaliação Diagnóstica

Ginástica																
Alunos		Ginástica solo										Ginástica de Aparelhos				Nível
Nº	Nome	Elem. de Ligação	P. de Equilíbrio	P. de Flexibil.	Rolamento à frente			Rolamento à retaguarda				Salto do eixo				
					P. Inicial	Rotação	P. Final	Posição inicial	Deseq.	Repul.	Posição Final	Chamada	Voo	Impulsão MS	2ºVoo	
1																
2																
3																
4																
5																
6																
7																
8																
9																
10																
11																
12																
13																
14																
15																
16																
17																
18																
19																
20																
21																
22																
23																
24																
25																
26																
27																
28																

Anexo 4 – Grelha de Avaliação Sumativa

7ºA		Conhecimentos (70%)		Atitudes e Valores (30%)												Nota Final do 1º P.	Nota Final do 2º P.	Nota Final do 3º P.
				Espírito de Cooperação e Tolerância		Interesse e Empenho		Sentido de responsabilidade		Assiduidade e Pontualidade		Respeito por Normas		Relacionamento				
Nº	Nome	Nota	70%	Nota	5%	Nota	5%	Nota	5%	Nota	5%	Nota	5%	Nota	5%			
1			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
2			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
3			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
4			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
5			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
6			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
7			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
8			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
9			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
10			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
11			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
12			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
13			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
14			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
15			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
16			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
17			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
18			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
19			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
20			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
21			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
22			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
23			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
24			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
25			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
26			0		0		0		0		0		0		0	0	0	0
27			0		0		0		0	5	0,25		0		0	0	0	0
28			0		0		0		0	5	0,25		0		0	0	0	0